

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA
ANGELA LENKE

A PRÁXIS SOCIAL DA IGREJA E A EDIFICAÇÃO DE COMUNIDADES EM
CONTEXTO URBANO: UM DESAFIO PARA A MISSÃO DA IGREJA NOS TEMPOS
ATUAIS

São Leopoldo

2019

ANGELA LENKE

A PRÁXIS SOCIAL DA IGREJA E A EDIFICAÇÃO DE COMUNIDADES EM
CONTEXTO URBANO: UM DESAFIO PARA A MISSÃO DA IGREJA NOS TEMPOS
ATUAIS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia e
Sociedade
Linha de Atuação: Dimensões do Cuidado
e Práticas Sociais

Orientador: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L566p Lenke, Angela

A práxis social da igreja e a edificação de comunidades em contexto urbano: um desafio para a missão da igreja nos tempos atuais / Angela Lenke; orientador Rodolfo Gaede Neto . – São Leopoldo : EST/PPG, 2019.

94 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2019.

1. Teologia. 2. Diaconia. 3. Edificação. 4. Sociedade. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ANGELA LENKE

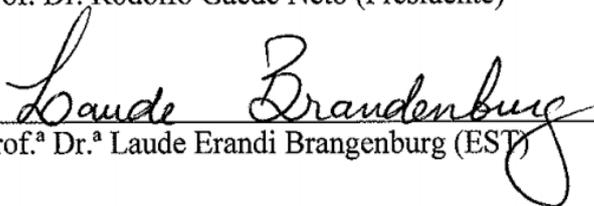
A PRÁTICA SOCIAL DA IGREJA E EDIFICAÇÃO DE COMUNIDADES EM
CONTEXTO URBANO: UM DESAFIO PARA A MISSÃO DA IGREJA NOS TEMPOS
ATUAIS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia e
Sociedade
Linha de Atuação: Dimensões do Cuidado
e Práticas Sociais

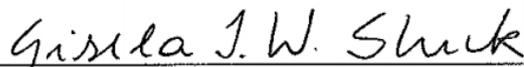
Data de aprovação: 28 de maio de 2019



Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto (Presidente)



Prof.^a Dr.^a Laude Erandi Brangenburg (EST)



Prof.^a Dr.^a Márcia Eliane Leindcker da Paixão (UFSM)

À minha mãe e ao meu pai, Alvina e Valdemiro,
pelo trabalho árduo na agricultura para que eu pudesse estudar,
pela fidelidade e testemunho ao evangelho, pelo amor recebido.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de minha caminhada como estudante e como diácona da IECLB muitas pessoas se fizeram presentes e contribuíram para meu crescimento, especialmente nestes dois anos junto ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST. A elas dedico minha profunda gratidão.

Agradeço a Deus pelo dom da vida! Pelo seu amor incondicional em todos os momentos de minha vida!

Agradeço aos meus pais, Alvina e Valdemiro, pelo incentivo ao estudo, o seguimento ao evangelho, pela coragem e humildade ensinadas.

Às minhas irmãs, Adriana, Andréia e Avane e, ao meu irmão, Valdevino, agradeço a confiança e o apoio em toda minha vida.

Ao meu namorado, Rodrigo, por tudo o que tem me ensinado a partir de sua formação e história de vida, pela enorme dedicação, incentivo e amor.

À Federação Luterana Mundial (FLM) que, através da IECLB, apoiou-me financeiramente para realização deste mestrado. De igual modo, agradeço a IECLB pelas oportunidades e apoio, por buscar ser uma igreja de palavra e ação.

À Comunidade Evangélica de Joinville – União Paroquial pela acolhida, pela caminhada conjunta e por desenvolver uma diaconia e missão urbanas admiráveis. Nos presidentes da União Paroquial que me acompanharam durante esse período, Arthur Francisco Baumrucker e Álvaro Kipper Filho, estendo a minha sincera gratidão às e aos demais presidentes paroquiais, ministras e ministros, lideranças comunitárias e membros.

Ao Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto, que um dia fez meu registro de batismo, acompanhou e orientou-me no bacharelado e neste mestrado. Admiro teus dons e tua dedicação ao serviço eclesialístico.

À Prof. Dra. Márcia Eliane L. da Paixão pela inspiração e incentivo de sempre!

Ao Programa de Pós – Graduação em Teologia da Faculdades EST pelo excelente programa de mestrado profissional desenvolvido.

Através do colega Samuel Gaussman que leu, releu e corrigiu esta pesquisa, estendo minha gratidão a colegas e amigos de caminhada.

RESUMO

Esta pesquisa pretende contribuir com a temática da práxis social da Igreja e da edificação de comunidade em contexto urbano. A mesma encontra-se ancorada na área de teologia e sociedade, a partir da qual se dará a abordagem sobre a responsabilidade social da Igreja ao longo da história e na atualidade. A práxis diz respeito à conduta ou ação correspondente a uma teoria. Desse modo a práxis social pode ser compreendida na igreja cristã como diaconia, pois diz respeito à ação motivada por uma teoria da teologia cristã. Sob essa ótica será analisada a experiência da Comunidade Evangélica de Joinville – União Paroquial, localizada na maior cidade de Santa Catarina, que desenvolve um grande trabalho religioso e social. As principais bases teóricas são de autores como Vanderlei Gianastácio, Rodolfo Gaede Neto, Zygmunt Bauman, Arzemiro Hoffmann, José Comblin, Fernando Antônio Figueiredo, Sissi Georg e IECLB. Desse modo, desenvolver-se-á o conceito e a compreensão de responsabilidade social e a busca por bases bíblicas, históricas e confessionais para sua fundamentação na prática da igreja, apresentando elementos diaconais nos relatos dos evangelhos e dos primórdios do cristianismo em Jerusalém, Antioquia e Éfeso, bem como na valiosa contribuição das Mães e dos Pais da Igreja. A igreja cristã nasceu em contexto urbano e ali encontrou seus desafios para evangelizar. Ainda hoje ela é confrontada com o cenário urbano que, embora tenha se modificado, apresenta oportunidades e desafios para sua missão e razão de existência. Diante da desigualdade social vigente é necessário que Igreja e Estado sejam parceiros na efetivação da justiça e igualdade. Para tanto, poderá capacitar pessoas voluntárias que atuem nas diferentes esferas e exercitar o ecumenismo em causas comuns, dessa forma ampliando o conceito de “sacerdócio geral de todos os crentes”. Nessa direção, outro elemento importante a ser investigado é a compreensão de culto e suas dimensões sociais. Assim, a práxis social da igreja e a edificação de comunidade se dará entre assumir a tarefa da evangelização, anunciando a boa nova da salvação em Cristo, e do compromisso responsável na transformação dos contextos e das situações de sofrimento e exclusão, buscando ser uma igreja acolhedora com vistas ao cuidado integral.

Palavras-chave: Práxis. Teologia. Sociedade. Edificação. Contexto Urbano.

ABSTRACT

This research intends to contribute to the theme of social practice in the Church and the edification of congregations in an urban context. It is anchored in the area of theology and society, from which stems the approach of the social responsibility of the Church throughout history and in current times. Praxis has to do with conduct or action which corresponds to a theory. In this way, social praxis can be understood in the Christian church as diakonia, since it has to do with the action motivated by a theory of Christian theology. Through this perspective the experience of the Evangelical Congregation of Joinville – União Parish, located in the largest city of Santa Catarina, will be analyzed, being it carries out a great social and religious work. The main theoretical bases are of authors such as Vanderlei Gianastácio, Rodolfo Gaede Neto, Zygmunt Bauman, Arzemiro Hoffmann, José Comblin, Fernando Antônio Figueiredo, Sissi Georg and the IECLB. In this way, the concept and understanding of social responsibility will be developed as well as the quest for the biblical, historical and confessional bases supporting it in the practice of the church, presenting diaconal elements in the stories of the gospels and from the beginnings of Christianity in Jerusalem, Antioch and Ephesus, and also in the valuable contribution of the Mothers and Fathers of the Church. The Christian church was born in an urban context and there found its challenges for evangelizing. Still today it is confronted with the urban scenario which, although it has changed, presents opportunities and challenges for its mission and its reason for existence. Faced with the social inequalities in existence today it is necessary that the Church and State be partners in bringing about justice and equality. For this, it can capacitate volunteer people who work in the different spheres and exercise ecumenism in common causes, in this way broadening the concept of “general priesthood of all believers”. In this direction, another important element to be investigated is the understanding of worship and its social dimensions. Thus, the social praxis of the church and the edification of congregations will take place between taking on the task of evangelizing, announcing the good news of the salvation in Christ, and the responsible commitment to transformation of contexts and situations of suffering and exclusion, seeking to be a welcoming church aiming at holistic care.

Keywords: Praxis. Theology. Society. Edification. Urban Context.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A DIACONIA OU PRÁXIS SOCIAL DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE JOINVILLE – UNIÃO PAROQUIAL	13
2.1	Considerações Iniciais	13
2.2	Histórico da comunidade e do trabalho diaconal	13
2.3	Estrutura de funcionamento	16
2.4	Ações desenvolvidas	17
2.4.1	<i>Serviço de Assistência Social</i>	20
2.4.2	<i>Serviço de Prevenção e Tratamento em Dependência Química (álcool e outras drogas) e Jogo Patológico</i>	21
2.4.3	<i>Serviço de Assistência Espiritual Hospitalar</i>	22
2.4.4	<i>Serviço da Pessoa com Deficiência</i>	23
2.4.5	<i>Serviço de Assistência à Pessoa Idosa</i>	23
2.4.6	<i>Grupo de Apoio às Pessoas Cuidadoras</i>	24
2.4.7	<i>Outros grupos de Apoio: Pessoas com Parkinson e outras Enfermidades e Pessoas Enlutadas</i>	24
2.4.8	<i>Serviço de Desenvolvimento Comunitário</i>	25
2.4.9	<i>Participação em Conselhos Municipais</i>	28
2.5	Considerações Finais	28
3	A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA IGREJA	29
3.1	Considerações Iniciais	29
3.2	Fundamentação da Responsabilidade Social	29
3.3	A Ação de Jesus	33
3.4	A Igreja em Jerusalém	35
3.5	A Igreja em Antioquia	38
3.6	A Igreja em Éfeso	39
3.7	Os Pais e as Mães da Igreja e a Questão Social	42
3.8	Considerações Finais	48
4	DIACONIA E EDIFICAÇÃO DE COMUNIDADE EM CONTEXTO URBANO	49
4.1	Considerações Iniciais	49
4.2	O Contexto Urbano	49
4.3	Diaconia e Edificação de Comunidade	54
4.3.1	<i>Formação, Voluntariado e Ecumenismo</i>	59
4.3.2	<i>Parcerias entre Igreja e Poder Público na Transformação Social</i>	63
4.3.3	<i>O Culto e as Suas Dimensões Sociais</i>	66
4.3.4	<i>Visitação e Hospitalidade: a diaconia do acolhimento</i>	69

10

4.4	Considerações Finais	73
5	CONCLUSÃO	75
	REFERÊNCIAS	79
	ANEXO 01 – CASA PROTESTANTE DE ORAÇÃO – PRIMEIRA CAPELA EVANGÉLICO-LUTERANA DE JOINVILLE	87
	ANEXO 02 – ESTRUTURA DO DEPARTAMENTO DE DIACONIA	88

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa é a práxis social da igreja e a edificação de comunidade em contexto urbano e tem como objetivo geral investigar a importância e a efetivação da práxis social no contexto urbano enfatizando sua estrutura de funcionamento, as motivações, as preocupações, a fundamentação da responsabilidade social e a compreensão de edificação de comunidade. A pesquisa pergunta pelos modelos de responsabilidade social e edificação de comunidade em contexto urbano encontrados na história; qual a relação entre teologia e responsabilidade social; quais os desafios e as oportunidades do contexto urbano para a missão da Igreja? A mesma situa-se na área de concentração de Teologia e Sociedade, na linha de atuação Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais. A motivação para esse tema nasceu da experiência urbana enquanto diácona da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e das inquietações diante de inúmeras situações de sofrimento comunitário e social, surgindo o questionamento da inércia de instituições e setores de nossa sociedade. A pesquisa trata de um contexto que está em constantes mudanças com fortes sinais de sofrimento humano e ecológico e requer a presença de igrejas acolhedoras e que busquem ser parceiras na vivência plena da cidadania. Existem muitas igrejas, mas nem todas exercem uma responsabilidade social. Em muitas situações, tornar-se membro é condição pela ajuda prestada. Uma igreja que está sempre em reforma e busca corresponder às demandas de seu tempo é uma igreja que avalia e percebe sua participação na sociedade e, deve ela mesma, dar exemplo e incentivar a prática da justiça e da misericórdia aos pequenos Cristos existentes.

O primeiro capítulo buscará apresentar e analisar a práxis social da Comunidade Evangélica de Joinville – União Paroquial que possui um departamento de diaconia próprio para coordenar as ações dentro e fora das suas unidades, como a participação nos Conselhos Municipais, a atuação em projetos sociais para crianças e adolescentes em situação de risco, ações ecológicas, assistência a famílias em situação de pobreza, apoio para dependentes e codependentes químicos e jogos patológicos, atendimento espiritual hospitalar e atendimento às mães e aos recém-nascidos na maternidade, dentre outras ações.

A práxis social sempre foi exercida pela igreja cristã desde os primórdios. Dessa forma, no segundo capítulo, a pesquisa investigará a diaconia da Igreja de

Jerusalém, Antioquia e Éfeso bem como as Mães e os Pais da Igreja que servirão de inspiração e fonte histórica. Importantes registros como a Didaqué, o cuidado da igreja nos primeiros séculos do cristianismo e documentos da igreja luterana e da ecumene serão analisados para responder essa questão. Teóricos salientam a importância de uma ação efetiva e transformadora da igreja e não apenas paliativa como por muito tempo também houve na própria assistência social. Do mesmo modo, ressaltam a importância da parceria entre Igreja e Estado na transformação social.

No terceiro capítulo a pesquisa quer refletir sobre os desafios do contexto urbano, suas necessidades e potencialidades e quais as contribuições da igreja para esse cenário. Ao mesmo tempo, ela quer compreender como ser uma igreja do cuidado. Quando pensamos nos desafios urbanos às igrejas, pensamos nas pessoas encarceradas, violentadas, pobres, mulheres, crianças, idosas, com deficiência, enfermas, enlutadas, voluntárias. E muitas outras! Aprofundar a reflexão sobre a práxis social da igreja é de suma importância, pois é um mecanismo de transformação social. Em contextos urbanos, a igreja precisa ser criativa e se importar com as diversas demandas de cuidado. Hoje em dia, “igreja boa é aquela que se importa comigo”, que oferece espaços de escuta e conhecimento correspondentes às dimensões e necessidades humanas, que se envolve e participa de discussões sociais, que tem uma postura diaconal, propostas de ações construtivas para o bem comum com metodologia democrática, onde cada pessoa se perceba agente de transformação. A igreja consegue chegar através da sua prática diaconal onde, muitas vezes, não se conseguiria chegar de outra forma. Fé e ação caracterizam uma igreja diaconal.

2 A DIACONIA OU PRÁXIS SOCIAL DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE JOINVILLE – UNIÃO PAROQUIAL

2.1 Considerações Iniciais

Em que medida as igrejas estão dispostas e preparadas para cumprir a responsabilidade social ou praticam a diaconia à luz do Evangelho de Jesus Cristo? Essa pergunta motiva a presente pesquisa. Por isso, neste primeiro capítulo será necessário pesquisar, descrever e refletir sobre um trabalho diaconal em contexto urbano. Para tal propósito, a Comunidade Evangélica de Joinville – União Paroquial pode servir de referência, pois dispõe de um Departamento de Assistência Social e Diaconia de longa data. A práxis diz respeito à conduta ou ação correspondente a uma teoria, no caso da comunidade cristã tal práxis é compreendida como diaconia.¹

2.2 Histórico da comunidade e do trabalho diaconal

A Comunidade Evangélica de Joinville - União Paroquial (CEJ - UP) é uma comunidade de confissão luterana localizada no âmbito do Sínodo Norte Catarinense, pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), formada por onze paróquias, somando um total de 18 comunidades e está inserida num contexto urbano. Há 165 anos chegaram os primeiros imigrantes na Colônia Dona Francisca que, mais tarde, seria chamada de Joinville. Os imigrantes de origem alemã deram início à formação da cidade. Igreja, escola e hospital nasceram da atuação desses imigrantes. A Comunidade Evangélica começou com a *Casa Protestante de Oração*, uma pequena capela. O primeiro culto aconteceu em 25 de dezembro de 1851².

A Igreja da Paz foi construída no lugar da capela. É, portanto, a paróquia mais antiga, sendo que as demais surgiram ao longo dos anos. Joinville possui outras paróquias da IECLB que não estão ligadas ao trabalho da CEJ - UP com um total de 5 mil pessoas. Já a CEJ - UP é composta de 17.775 pessoas. Cada paróquia desenvolve o trabalho de pregar o evangelho, celebrar os sacramentos,

¹ O autor Clodovis Boff em seu livro "Teologia e Prática: teologia do político e suas dimensões" traz uma importante fundamentação da práxis social em diálogo com a teologia. BOFF, Clodovis. **Teologia e prática: teologia do político e suas mediações**. Petrópolis: Vozes, 1978.

² PASTORES DA IECLB EM JOINVILLE. 150 anos da Comunidade Evangélica de Joinville. **Revista Especial 150 Anos Luterano**, Joinville, n. 1, ano 1, p. 5-7, dez. 2001. p. 5s. Veja o anexo 01.

promover comunhão e missão. Além dessas ações, são desenvolvidas as ações diaconais coordenadas pelo Departamento de Assistência Social da CEJ - UP³.

Desde o começo, a comunidade evangélica se preocupou com a educação e a saúde. Assim, em 14 de agosto de 1866 foi fundada a Deutsche Schule⁴ – Escola Alemã – que oferece a educação infantil, o ensino fundamental, técnico e superior. Em 1916, Joinville possuía instituições de saúde e assistenciais consolidadas. O Hospital Municipal já funcionava desde os primeiros tempos de formação da colônia e em 1906 ganhou nova estrutura física. Ao mesmo tempo, o Lar Abdon Baptista, aberto em 1911, acolhia pessoas idosas e, posteriormente, crianças. Mas a cidade crescia e, com ela, a necessidade de criar novos espaços para atender o público. Conforme o pastor Friedrich Wüstner, em novembro de 1916, um grupo de mais de 80 senhoras evangélicas de Joinville, sob a coordenação da viúva Lilly Tiede, se reuniu na antiga Deutsche Schule com um propósito: unir forças e criar uma associação beneficente para auxiliar e tratar pessoas necessitadas e enfermas de todas as confissões religiosas. A iniciativa de fundar a entidade foi do empresário Hermann August Lepper e a primeira diretoria foi presidida pela esposa de Lepper, Helena Dorothea Bühler Lepper, e mulheres como a própria Lilly Tiede, Helene Hygon, Dorothea Bühler (esposa do pastor Fritz Bühler), entre outras. A família Lepper doou o terreno e o imóvel para o jardim de infância, sob responsabilidade das senhoras evangélicas, e atendimento para pessoas idosas, sob responsabilidade das diaconisas luteranas. A associação foi chamada de Sociedade de Socorro das Senhoras Evangélicas, mais tarde receberia o nome de Hospital Dona Helena, e incorporava o trabalho já iniciado pela comunidade evangélica, que em 1914 trouxe para a cidade uma diaconisa, Ina Hochreuter, para prestar serviços de enfermagem nas residências. Porém, o papel de uma diaconisa era muito mais amplo: não era apenas uma enfermeira, mas alguém que recebera um chamado, que exercia esse chamado de dentro da igreja e dedicava sua vida à tarefa para a qual foi enviada.⁵

³ Este ainda é o nome conforme estatuto da CEJ-UP. No entanto, deverá ser atualizado para “departamento de diaconia” nos próximos anos. No cotidiano, o termo diaconia é o mais utilizado.

⁴ PASTORES DA IECLB EM JOINVILLE. Colégio Bom Jesus/IELUSC. **Revista Especial 150 Anos Luterano**, Joinville, n. 1, ano 1, p. 37-38, dez. 2001. p. 37s.

⁵ WÜSTNER, Friedrich. **Kirchengemeinde Joinville 1851-1951**. Evangelisches Bekennen in Schwachheit und Kraft. São Leopoldo: Rotermund, 1951. p. 33; 56.

O Hospital Dona Helena, atualmente com 103 anos, foi crescendo ao longo dos anos, sempre mantendo vínculo com a comunidade evangélica através da composição da diretoria do hospital, da atuação das diaconisas luteranas e, há alguns anos, com uma pastora da IECLB como capelã. Além disso, a CEJ - UP foi fundamental na criação do Ancianato, Hospital, Maternidade, Instituto Diaconal e a Creche Bethesda, em Pirabeiraba. Instituições de acolhimento a pessoas idosas, enfermas e atendimento a crianças.⁶

No relatório de 1972 do Departamento de Assistência Social da Comunidade Evangélica de Joinville, prova-se que a práxis social da mesma fazia parte da sua identidade cristã. Naquele ano 198 famílias foram apoiadas com remédios, vestimentas, uniformes escolares e alimentos. Destaca-se na ata: “É nosso primeiro objetivo darmos ao indivíduo oportunidade de realizar-se, tornar-se útil à sociedade, o que procuramos fazer através dos vários cursos, palestras, visitas e contatos semelhantes, que levamos a efeito”.⁷ A cidade de Joinville sempre foi muito atingida por enchentes e a comunidade evangélica a assistiu nesses momentos de emergência. Em 1972 não foi diferente.

Grande atividade foi desenvolvida no campo assistencial por ocasião das enchentes que assolaram Joinville em Dezembro do ano passado. Dado o caráter [sic] de emergência com que mobilizamos nossos elementos e a necessidade de prestação de socorros imediatos aos flagelados, muita coisa deixou de ser relacionado. Mas o importante é que pudemos ser uteis [sic] naquela oportunidade, para muitos, tão dolorosa.⁸

O mesmo relatório destaca quais cursos de capacitação eram oferecidos e também as bolsas e descontos concedidos às crianças matriculadas nos jardins de infância da comunidade⁹. Ainda hoje, em algumas paróquias, veem-se vestígios desse tempo dos jardins de infância nos pátios das mesmas.

⁶ PASTORES DA IECLB EM JOINVILLE. Hospital Dona Helena. **Revista Especial 150 Anos Luterano**, Joinville, n. 1, ano 1, p. 39-40, dez. 2001. PASTORES DA IECLB EM JOINVILLE. Instituição Bethesda. **Revista Especial 150 Anos Luterano**, Joinville, n. 1, ano 1, p. 41-42, dez. 2001.

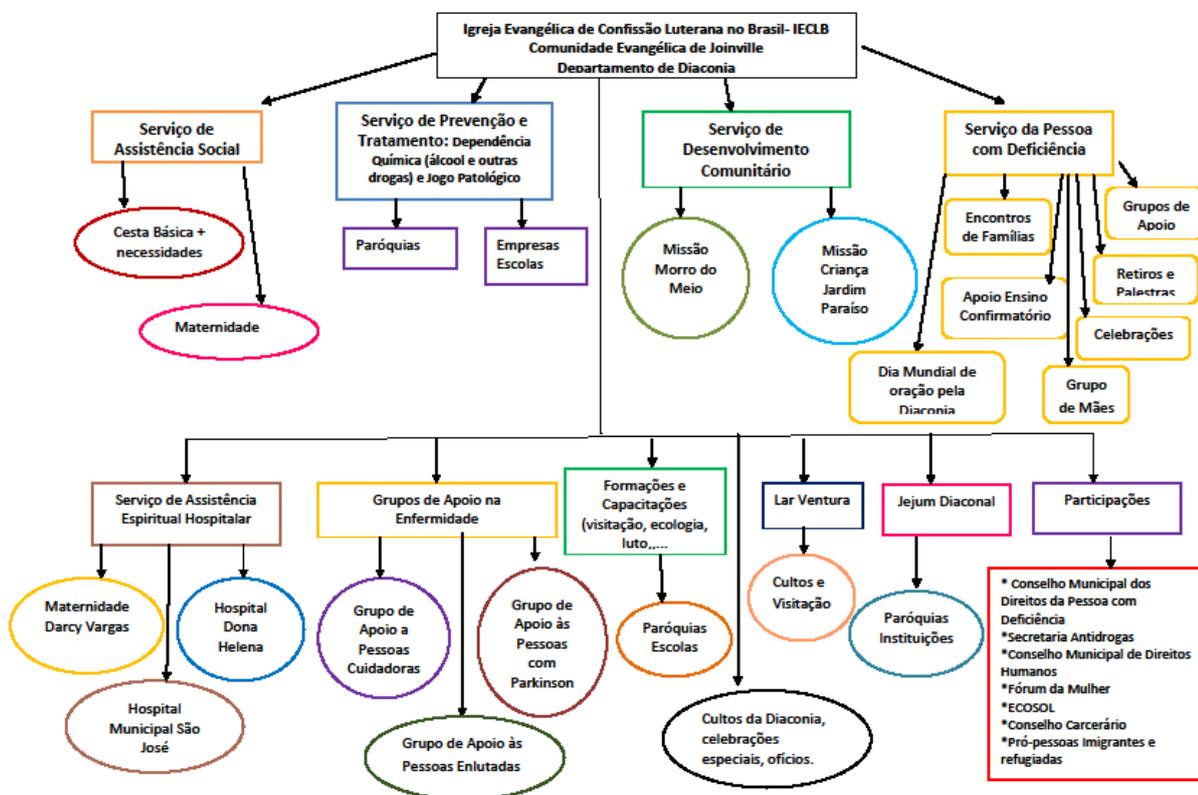
⁷ COMUNIDADE EVANGÉLICA DE JOINVILLE; DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Relatório de Atividades Desenvolvidas durante 1972 para Assembleia Geral Ordinária de 28 de março de 1973**. Joinville, p. 1-3, 1973. (Arquivo interno).

⁸ COMUNIDADE EVANGÉLICA DE DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 1973, p. 2.

⁹ COMUNIDADE EVANGÉLICA DE DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 1973, p. 2-3.

2.3 Estrutura de funcionamento

Cada paróquia da CEJ - UP possui uma diretoria paroquial que, por sua vez, envia presidente ou representante para compor o Conselho Eclesiástico da CEJ - UP que escolhe a diretoria que preside a CEJ-UP por um mandato de dois anos com direito a reeleição. Tanto o trabalho diaconal quanto a administração central são mantidos pela união paroquial. O Departamento de Assistência Social (DAS)¹⁰ possui a seguinte estrutura:



O momento atual é de transição para os dois projetos sociais Missão Morro do Meio e Missão Criança Jardim Paraíso que passarão a ter apoio pelo Instituto Luterano de Obras Sociais (ILUOS), criado em janeiro de 2016, tendo representantes das paróquias, do Colégio Bom Jesus/IELUSC e do Hospital Dona Helena. Com a criação do ILUOS os projetos poderão ser apoiados por verbas públicas visto que o vínculo anterior com a CEJ - UP impedia tal ação. No entanto, o DAS continua atendendo os diversos públicos através de suas áreas: Serviço de

¹⁰ Veja o anexo 2.

atendimento à Maternidade Darcy Vargas, Serviço de Assistência Social (atendimento às famílias empobrecidas), Serviço da Pessoa com Deficiência; Serviço de Dependência Química (álcool e outras drogas) e Jogos Patológicos, além de apoiar pontualmente projetos e abrigos para crianças.

2.4 Ações desenvolvidas

As ações desenvolvidas pelo Departamento de Assistência Social - DAS da Comunidade Evangélica de Joinville – União Paroquial foram inseridas, compreendidas e atualizadas, ao longo dos anos, à Política Nacional de Assistência Social; às Normas Operacionais Básicas do Sistema Único de Assistência Social; aos Estatutos da Criança e do Adolescente; do Idoso e da Pessoa com Deficiência e às demais políticas que possuem relação com o desenvolvimento humano. São atendidas pessoas em situação de vulnerabilidade social de todas as faixas etárias, tendo como objetivo o atendimento de demandas provenientes de famílias.

Os trabalhos são desenvolvidos por 55 funcionários/as que cobrem as funções na área de administração, secretaria, patrimônio/zeladoria, música, coordenação de trabalhos específicos. Além disso, atuam 11 pastores, 05 pastores eméritos, uma diácona, dois missionários e em torno de 320 voluntários/as, em sua maioria mulheres, que realizam o atendimento anual de aproximadamente 1.600 famílias (6.485 pessoas). De acordo com as ações que são desenvolvidas, pode-se afirmar que as mesmas dizem respeito às medidas relacionadas com a proteção social básica. Tais ações são planejadas, contínuas e gratuitas, realizadas em grupos, e buscam a redução de vulnerabilidades decorrentes das condições socioeconômicas e das situações de vida que resultam em risco social, pobreza, privação, fragilização de vínculos afetivos, relacionais e de pertencimento social.

A prevenção dessas situações é desenvolvida através de atividades de socialização e convivência, que, por fim, promovem o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. O trabalho social envolve as famílias, tendo caráter preventivo e proativo, atuando em torno da defesa de direitos e de alternativas emancipatórias, buscando o desenvolvimento de capacidades e potencialidades. Proporciona-se ao público-alvo a possibilidade de participação cidadã, o protagonismo, a autonomia e a possibilidade de interação.

São realizadas mensalmente reuniões que envolvem os profissionais e voluntários de todos os serviços, buscando o fortalecimento do trabalho conjunto, a avaliação das ações, a informação acerca das atividades realizadas e a elaboração de propostas que visem a melhoria das mesmas. Os voluntários que participam dos serviços são capacitados e formados continuamente por profissionais que atuam na CEJ - UP, através de cursos, palestras e seminários. Essa assessoria busca a instrumentalização da prática do voluntariado, proporcionando qualidade e efetividade aos atendimentos prestados. São oferecidos os seguintes serviços:

1. Serviço de Assistência Social (atendimento a pessoas e/ou famílias empobrecidas);
2. Serviço de Prevenção: Dependência Química (álcool e outras drogas) e Jogo Patológico;
3. Serviço de Desenvolvimento Comunitário (convivência e fortalecimento de vínculos de crianças e adolescentes);
4. Serviço de inclusão e apoio às Pessoas com Deficiência;
5. Serviço de apoio integral às pessoas idosas;
6. Assistência Espiritual Hospitalar;
7. Grupo de apoio às pessoas cuidadoras;
8. Grupos de Apoio diversos (pessoas enlutadas, enfermas);
9. Participação nos conselhos municipais.

Enquanto igreja inserida em contexto urbano, que sente as fragilidades e demandas sociais, os objetivos da CEJ - UP são: a) promover a inclusão e bem-estar integral das famílias e pessoas em situação de vulnerabilidade, sem preconceitos de origem, raça, gênero, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; b) promover acesso a benefícios e serviços socioassistenciais e serviços setoriais especialmente nos projetos de missão criança; c) oportunizar o acesso às informações sobre direitos; d) realizar atendimentos individuais e em grupos, palestras e cursos destinados à prevenção e tratamento em dependência química (álcool, outras drogas e jogo patológico); e) possibilitar o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes através da elaboração e realização de atividades de socialização e convivência, pedagógicas, culturais, esportivas, recreativas e musicais; f) apoiar integralmente a pessoa com deficiência e sua família a partir da elaboração e desenvolvimento de atividades culturais e recreativas que proporcionem melhoria da qualidade de vida, inclusão sociocultural, concretização

da cidadania e vivência da sua espiritualidade; g) favorecer aos idosos um processo de envelhecimento ativo e saudável, evitando o seu isolamento e possibilitando sua autonomia, melhoria da qualidade de vida e a participação em ações comunitárias e sociais, a partir da elaboração e desenvolvimento de atividades de lazer, convivência e espiritualidade; h) promover e incentivar ao exercício da solidariedade; i) apoiar cidadãos nos momentos de enfermidade e internação através da poimênica espiritual e psicológica, analisando sempre caso necessitem do serviço de assistência social de algumas das instituições do Estado ou do Terceiro Setor; j) apoiar, ouvir e oferecer suporte terapêutico às pessoas que cuidam de alguém (pessoas idosas, enfermas, pessoas com deficiência); l) buscar o equilíbrio entre ação de cuidado interno e externo nas comunidades (diaconia interna e diaconia externa); m) formar parcerias com setores públicos para melhor atender ao público; n) participar e envolver-se enquanto instituição nos Conselhos Municipais e órgãos públicos como forma de democracia e luta pelas políticas públicas.

Como resultados a CEJ - UP espera: a) inclusão e valorização do protagonismo da pessoa com deficiência, dentro de suas limitações; b) inclusão, redução de riscos e de vulnerabilidade social devido a dependência química e jogos patológicos; c) criação de espaços de apoio ao público que procura ajuda; d) ampliação de parcerias com instituições governamentais e não governamentais; e) melhoria da qualidade de vida das pessoas; f) prevenção de ruptura de vínculos familiares e comunitários e superação de situações de fragilidade social vivenciadas; g) potencialização da autonomia e do protagonismo das pessoas; h) capacitação permanente de funcionárias, funcionários, voluntárias e voluntários; i) vivência de uma fé ativa das pessoas que formam a União Paroquial e dispõem de tempo e bens para o serviço voluntário; j) promoção da saúde e bem-estar integral; l) ser uma igreja acolhedora e de cuidado.

O Departamento de Assistência Social (DAS) da CEJ - UP faz anualmente um relatório dos serviços oferecidos ao município, que garante o Certificado de Utilidade Pública Municipal. Esse relatório é importante para que os órgãos públicos tenham conhecimento e vejam com transparência a atuação da CEJ - UP e os benefícios trazidos ao contexto. Segue abaixo uma tabela das ações desenvolvidas e o número de atendimentos do ano de 2017:

Ações	Nº de Pessoas Atendidas
Atendimentos à famílias e indivíduos – Departamento de Assistência Social	6.845 = 1.600 Famílias
Atendimento e acompanhamento de gestantes (visitas domiciliares ou nas unidades de atendimento da CEJ)	2.000
Abordagens e atendimentos às famílias realizadas pelas Agentes Solidárias do Hospital Dona Helena	1.250
Atendimento às pessoas com deficiência	90
Dependentes Químicos	1.090
Familiares de Dependentes Químicos	1.220
Grupo de Idosos	1160
Grupo de Dança Sênior	130
Distribuição de Benefício – Cesta Básica	918 = 23.885,45 Kg
Distribuição de Benefício – Vestuários	33.995 peças
Distribuição de Benefício – Calçados	1.985 pares
Distribuição de Benefício – Kit Enxoval para gestante	115 unidades
Distribuição de Benefício – Fralda Geriátrica	4.534 unid.
Distribuição de Benefício – Fralda Infantil	11.016 unid.
Distribuição de Benefício – Remédios	546
Empréstimo de cadeiras de rodas/muletas/camas hospitalares/andadores/cadeiras para banho	1.100

2.4.1 Serviço de Assistência Social

Este setor tem em vista duas ações: atendimento às pessoas e/ou famílias em vulnerabilidade social e atendimento às mães e bebês na Maternidade Darcy Vargas. Na primeira ação estão envolvidas onze paróquias. Se não há atendimento local ou de visita domiciliar às pessoas empobrecidas, a paróquia oferece auxílio aos projetos de missão criança, abrigos ou ainda desenvolve trabalho com imigrantes. Essa ação tem por objetivo acompanhamento de pessoas em situações de necessidades básicas, tais como: alimentação, vestuário, identificação civil, higiene, moradia, entre outras; orientação e encaminhamento de pessoas para serviços da própria instituição, bem como para entidades governamentais e não governamentais; cadastro, visitação e acompanhamento de famílias; empréstimo de utensílios em situações emergenciais, como: cadeiras de rodas, camas hospitalares, muletas, andadores, cadeiras de banho, entre outros; arrecadação, organização e doação de alimentos, vestuário, produtos de limpeza, materiais de higiene pessoal e móveis. As famílias são acolhidas, visitadas e acompanhadas pelo tempo necessário; algumas precisam de apenas uma cesta básica por dois meses, outras precisam de um apoio

maior. No entanto, a visita e o acompanhamento ajudam muito a perceber quando a pessoa já consegue seguir com autonomia. Compreende-se como ação importante, mas emergencial e temporária. Essa ação é desenvolvida por aproximadamente 250 pessoas.

Na segunda ação, desenvolvida por aproximadamente 200 pessoas e inseridas em cinco grupos que confeccionam peças para os enxovais e um grupo de visitadoras na maternidade. É oferecido o atendimento às mães internadas na Maternidade Darcy Vargas com apoio comunitário e assistencial através de visitação e entrega de enxovais. Os enxovais também são entregues para mães que recebem assistência em algum dos serviços da CEJ-UP cuja vulnerabilidade é evidenciada ou quando outros hospitais e maternidades solicitam. Cabe ainda a esse serviço, encaminhar mães e bebês para a rede socioassistencial presente no município, caso haja necessidade; a capacitação das agentes solidárias (grupo de mulheres que realizam as visitas na maternidade) e acompanhamento das voluntárias que confeccionam os enxovais nos diversos grupos. Com essa ação, tanto da confecção dos enxovais quanto da visitação, foram atendidas aproximadamente 2.000 gestantes e seus bebês em 2017. Uma parte do material para confecção dos enxovais é doado por pessoas e grupos e a outra parte é comprada com o fundo da Tarde do Bebê, um café anual que envolve todas as paróquias.

2.4.2 Serviço de Prevenção e Tratamento em Dependência Química (álcool e outras drogas) e Jogo Patológico

É o atendimento oferecido às pessoas que sofrem com a dependência química e jogo patológico¹¹. Algumas vezes os próprios dependentes procuram o serviço, outras vezes os familiares (chamados de codependentes) e, ainda outras vezes, pessoas são encaminhadas pela assistência social do município. Realiza-se intervenções biopsicosócioambiental na família dependente química, atendimento individual a dependentes e familiares, atendimento em grupo a dependentes e familiares; atendimentos domiciliares; encaminhamentos a internações (clínicas, hospitais, casa de recuperação, comunidades terapêuticas) e outros serviços quando necessário; palestras, seminários, retiros; capacitação a agentes

¹¹ O jogo patológico diz respeito à dependência (vício) em relação a todos os tipos de jogos virtuais ou não.

transformadores (voluntários e voluntárias que ajudam no funcionamento desse serviço). Com essa ação a CEJ - UP espera sempre alcançar o resgate da identidade pessoal e autoestima; despertar o compromisso de dependentes e familiares com o tratamento; resgate da dignidade e de valores de vida; conscientização sobre a doença da dependência química e outras comorbidades; ressocialização de vínculos familiares e comunitários; reorganização familiar; despertar o vínculo e apoio grupal para o tratamento; formação e qualidade na intervenção dos voluntários e das voluntárias do serviço.

A importância desse serviço encontra apoio na fala de Camargo:

Como instituição social, a igreja pode contribuir na prevenção ao uso indevido de substâncias psicoativas na adolescência. A dependência química é uma questão social de saúde pública que tem afetado muitos adolescentes até mesmo dentro da igreja. Sendo esta uma problemática séria, é necessário unir forças para enfrentá-la. A igreja, enquanto integrante da rede social, também atende a família e pode ser uma grande aliada na perspectiva de trabalhar a prevenção e, assim, minimizar o índice de adolescentes que ingressam no uso de drogas.¹²

2.4.3 Serviço de Assistência Espiritual Hospitalar

É o serviço de atendimento no Hospital Municipal São José (HMSJ) e no Hospital Dona Helena (HDH). No HMSJ há um grupo de voluntárias que acompanha espiritualmente os pacientes através da visitação e entrega de toucas de lã, bonés ou lenços para pacientes em tratamento quimioterápico; esse trabalho não está sob coordenação da CEJ - UP, contudo, possui o envolvimento de pessoas da comunidade nesse trabalho e a coordenação de diaconia da CEJ - UP é convidada para fazer as capacitações dessa equipe. No entanto, a CEJ - UP é a única igreja que pode acompanhar os pacientes em tratamento paliativo no HMSJ. Cabe à diácona do DAS exercer a capelania hospitalar nesse setor. No HDH existe uma capelania hospitalar formada pela atuação da CEJ - UP e possui um grupo de voluntárias e voluntários que atuam na visitação de pacientes hospitalizados. Através da presença solidária, levam uma palavra de conforto e a escuta qualificada, oferecem apoio a pessoas enfermas e seus familiares, fazem o encaminhamento para a rede socioassistencial presente no município ou à rede de serviços da

¹² CAMARGO, Caroline Cristine Costa. **O Papel Social da Igreja Cristã na Prevenção do uso Indevido de Drogas na Adolescência: da problematização a uma proposta de ação**. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2013. p. 48-49.

Comunidade Evangélica de Joinville (exemplo: necessidade de enxoval, de vestuário e grupo de apoio), caso haja necessidade.

2.4.4 Serviço da Pessoa com Deficiência

É oferecido o apoio à pessoa com deficiência e sua família, a partir de ações e atividades culturais, recreativas e integrativas; opções de espaços de convívio e apoio, prevenindo o isolamento; desenvolvimento de ações que possibilitam o autoconhecimento quanto às suas condições de vida, relação familiar e de vizinhança; promoção da inclusão social e da motivação de pessoas com deficiência; formação e capacitação de voluntárias e voluntários, familiares, cuidadores e profissionais da área, através de seminários, reuniões e eventos; participação no Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência (COMDE); participação no Instituto Luterano Campos Verdejantes que visa a construção de uma casa para pessoas com deficiência. A própria CEJ - UP está fazendo reformas na construção sua sede para acessibilidade e várias paróquias estão empenhadas em promover a acessibilidade, que, entre outros aspectos, engloba construção de rampas, colocação de elevadores, aquisição de cadeiras de rodas e muletas e conscientização sobre inclusão através de seminários, cultos e encontros.

2.4.5 Serviço de Assistência à Pessoa Idosa

Esse é o serviço desenvolvido por cada paróquia ao que denominam de *grupos de idosos* e *Dança Sênior* e também ao atendimento prestado nos lares de idosos e visitas domiciliares. O DAS e o Sínodo Norte Catarinense oferecem seminários para capacitar pessoas para visitação às pessoas idosas e pessoas enfermas. No atendimento à pessoa idosa está incluído o serviço de assistência social visto que uma grande parcela de pessoas idosas necessita de remédios e fraldas geriátricas. Como igreja, os objetivos são: favorecer um processo de envelhecimento ativo e autônomo; detectar necessidades e motivações, estimulando as pessoas idosas para novos projetos de vida; possibilitar a participação em atividades de lazer e bem-estar integral da pessoa idosa. E os resultados são: melhoria da qualidade de vida; melhoria da condição de sociabilidade; redução e prevenção de situações de isolamento social; vivência da espiritualidade da pessoa idosa.

2.4.6 Grupo de Apoio às Pessoas Cuidadoras

Nos centros urbanos cresce a demanda de grupos de apoio. Alguns anos atrás percebeu-se essa necessidade também em Joinville. Atualmente muitos hospitais oferecem grupos de apoio para familiares ou enfermos, mas são tantas pessoas que precisam de suporte espiritual e terapêutico que é importante refletir se as igrejas não poderiam avançar um pouco mais nessa questão. Assim, a CEJ - UP em parceria com o Departamento de Diaconia do Sínodo Norte Catarinense criou um grupo para pessoas que cuidam de alguém. Esse grupo possui em torno de 15 participantes. Esse número vem aumentando a cada ano. Algumas pessoas novas entram enquanto outras saem, dependendo da situação familiar. Os objetivos desse grupo são: possibilitar espaço de escuta terapêutica para cuidadores e cuidadoras; desenvolver a resiliência; oferecer e compartilhar conteúdos na área da saúde a título de informação e de facilitação no cuidado à pessoa enferma, idosa ou com deficiência.

2.4.7 Outros grupos de Apoio: Pessoas com Parkinson e outras Enfermidades e Pessoas Enlutadas

No ano de 2016 veio um pedido especial de uma pessoa com Parkinson: criar um espaço para que pessoas com a doença e familiares pudessem receber maiores informações a respeito da doença e pudessem ser acompanhadas pela igreja. O DAS organizou o trabalho com um grupo de sete voluntárias e voluntários da comunidade. Experiência valiosíssima onde mais de vinte profissionais da área de saúde se envolveram e ofereceram o atendimento gratuitamente. Foram realizadas palestras mensais e mais de 120 pessoas participaram. É importante estar atento às necessidades locais e às dúvidas que as pessoas manifestam no cotidiano da vida comunitária, buscando através de parcerias com diferentes áreas de conhecimento o cuidado integral das pessoas. Essa é uma iniciativa marcante.

Outro trabalho importante a ser mencionado são os grupos de apoio a pessoas enlutadas. Todos os dias morrem pessoas. A morte ainda é um tabu muito grande na sociedade. A finalidade dos grupos de apoio é justamente oferecer o suporte terapêutico e espiritual: ser solidário no sofrimento e viver a espiritualidade. Inúmeras pessoas sofrem com a depressão, especialmente quando perdem um familiar. Como Igreja é necessário incentivar e capacitar voluntárias e voluntários

para acompanhar pessoas enlutadas, seja através da visitação ou através de grupos. Em Joinville existem alguns grupos, mas ainda se percebe que muitas pessoas se mantêm isoladas com seu sofrimento.

2.4.8 Serviço de Desenvolvimento Comunitário

Há muitos anos a CEJ - UP, que em sua origem tinha *Jardins de Infância* ao lado das igrejas, preocupou-se em criar novos projetos de atuação em bairros populares. Em meio a muitas dificuldades foram construídos espaços que serviriam de igreja e, ao mesmo tempo, para as atividades do “projeto”. Foram criados três projetos, sendo que dois efetivamente funcionam: Missão Morro do Meio e Missão Criança Jardim Paraíso. No ano de 2016 foi criado o Instituto Luterano de Obras Sociais (ILUOS)¹³ com a finalidade de abrigar administrativamente esses dois projetos e os que surgirem. Dessa forma, os projetos podem receber verbas públicas para sua manutenção.

No Projeto Missão Criança Jardim Paraíso são desenvolvidos os seguintes trabalhos:

a) Apoio Pedagógico: visa acompanhar a criança em seu aprendizado. Permite um melhor aproveitamento e rendimento escolar. É estimulado o raciocínio lógico através de exercícios e brincadeiras, leitura e escrita, atividades lúdicas, culturais e esportivas. Assim, são visadas melhorias na expressão, na interação, na aprendizagem e na sociabilidade da criança.

b) Apoio Psicológico: Jardim Paraíso é um contexto com grandes índices de violência e pobreza e é necessário oferecer esse serviço de desenvolvimento psicossocial às crianças e suas famílias. São trabalhados temas de saúde afetiva, física, espiritual, profissional, social, intelectual, financeira e ecológica.

c) Inclusão Digital: visa o acesso às tecnologias de informação e comunicação. O objetivo é que as crianças e adolescentes possam aprender informática e ter acesso às informações, fazer pesquisas, enviar e-mails entre outros benefícios inerentes ao aprendizado da informática.

¹³ Compreende-se que houve um cuidado para contemplar o nome e sentido de “social” e “luterano” na identificação do instituto, mas vale um questionamento se é adequado, pois o termo “obras” tem suas variações e críticas na teologia e mesmo no diálogo com a práxis social.

d) Oficina de Esportes: promover o acesso a prática do esporte visando o desenvolvimento sadio da criança e do adolescente, como fator de formação de cidadania, melhorando a qualidade de vida, tirando-os da ociosidade, fortalecendo vínculos de amizade e familiares. São oferecidas oficinas de futsal; vôlei; basquete e tênis de campo.

e) Encontros com Pais e/ou Responsáveis: organizado como forma de desenvolver o sentimento de pertença, ampliar trocas culturais e de vivências, fortalecer vínculos e incentivar a socialização e a convivência comunitária.

f) Visitas Domiciliares: realizadas para conhecer as condições de vida das crianças atendidas pelo Projeto, criar vínculos e garantir uma aproximação da instituição com a realidade da família. São realizadas visitas com a inserção da criança ao Projeto e quando há necessidade, devido às frequentes faltas, abandono das atividades desenvolvidas, por solicitação da criança, adolescente, família ou instituição parceira ou quando há identificação de situações de violência, negligência ou violação de direitos.

g) Alimentação: as crianças inscritas no Apoio Pedagógico recebem diariamente uma refeição balanceada, preparada e servida no refeitório da própria instituição. Os alimentos são adquiridos com recursos próprios e com apoio de parceiros, entre eles o MESA BRASIL-SESC. Mensalmente são preparadas cerca de 800 refeições. Para algumas crianças, a refeição servida no Projeto é a principal refeição do dia.

h) Cuidados Pessoais: com o intuito de promover a educação em saúde, alcançando a melhoria nas práticas de higiene pessoal e bucal, as crianças são instruídas em relação aos cuidados de higiene com o seu corpo.

i) Oficinas: anualmente são feitas parcerias com grupos de artesanato, Casa da Cultura, universidade (UNIVILLE) para oferecer oficinas diversas para as crianças como contação de histórias e artesanato e para as mães, culinária, por exemplo.

Observa-se que as atividades desenvolvidas fortalecem o aprendizado e contribuem para o rendimento escolar da criança. Há melhora na autoestima, sociabilidade, respeito mútuo e comportamental da criança, bem como mudanças no contexto familiar através de diálogos e orientações dadas aos pais ou responsáveis, quando há uma intervenção em alguma situação específica.

No Projeto Missão Morro do Meio são desenvolvidas as seguintes atividades:

a) Oficina de Música: são oferecidas oficinas de violão, teclado e flauta. O aprendizado musical para crianças e adolescentes facilita e estimula áreas do cérebro e desenvolve habilidades importantes, como a coordenação motora, a concentração e a socialização do aluno.

b) Coral Luz do Mundo: o Coral é realizado com as turmas do 1º a 5º ano do ensino fundamental das Escolas Municipais Dr. Ruben Roberto Schmidlin, Elizabeth Von Dreifuss e Prof. Júlio Machado da Luz. A musicalização está sendo introduzida na educação das crianças devido à importância que representa no seu desenvolvimento intelectual, auditivo, sensorial, da fala e motor. A música é um elemento fundamental nesta etapa do sistema educativo. A criança começa a se expressar de outra maneira e é capaz de integrar-se ativamente na sociedade, desenvolve independência nas suas atividades habituais, assume o cuidado de si mesma e do meio e amplia seu mundo de relações.

c) Visitas Domiciliares: realizadas para conhecer as condições de vida das crianças e adolescentes atendidas no Projeto, criar vínculos e garantir uma aproximação da instituição com a realidade da família.

d) Encontros com Pais e/ou Responsáveis: organizado como forma de desenvolver o sentimento de pertença, ampliar trocas culturais e de vivências, fortalecer vínculos e incentivar a socialização e a convivência comunitária. São realizadas orientações e palestras com os temas: função protetiva da família; vínculos afetivos; assistência social; saúde; educação e meio ambiente.

e) Rede de Proteção à Criança e Adolescente: grupo formado por 19 entidades públicas e eclesiais que articula a proteção da criança e adolescente contra a violência sexual.

f) Edição do Jornal “A Voz do Morro do Meio”: jornal comunitário que conta com participantes ouvintes e moradores do bairro. É uma ferramenta para melhorar a comunicação no bairro, a ajuda solidária, os avanços e pontos positivos no bairro e também denúncias de negligências diversas.

g) Oficina de Adolescentes: são oficinas que acontecem no projeto e abordam temas na área de relacionamentos, dependência química, evasão escolar, higiene e saúde, espiritualidade e desenvolvimento psicológico.¹⁴

¹⁴ Estas e outras informações deste primeiro capítulo constam no relatório da Comunidade Evangélica de Joinville – União Paroquial enviado à Câmara de Vereadores de Joinville no ano de

2.4.9 Participação em Conselhos Municipais

A CEJ - UP como entidade religiosa pode participar de alguns Conselhos Municipais. A coordenação do DAS não consegue acompanhar todas as reuniões dos conselhos, dessa forma, indica-se pessoas voluntárias que se identificam com os conselhos, levam e trazem as propostas e, ações são compartilhadas para que o público atendido receba formação e seus direitos sejam atendidos. Assim, a participação da CEJ-UP acontece nos seguintes conselhos e órgãos: Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Secretaria Antidrogas, Conselho Municipal de Direitos Humanos, Fórum da Mulher, Articulação Ecumênica Pró-pessoas Imigrantes, Conselho Carcerário, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (através das instituições de Missão Criança), ECOSOL (Comitê de Economia Solidária).

2.5 Considerações Finais

Concluindo, até aqui descrevemos ações de cuidado praticadas pela Comunidade Evangélica de Joinville – União Paroquial. O cuidado, segundo Boff, pertence à essência do ser humano, anterior à ação da razão e da liberdade. O cuidado olha o mundo com amor e valor. Onde cada ser tem sua autonomia para viver, porque “a vida e o jogo das relações só sobrevivem se forem cercados de cuidado, de desvelo e de atenção”¹⁵. O autor lembra-se do poeta Horácio (65-8 a.C.) que dizia que ‘o cuidado é o permanente companheiro do ser humano’¹⁶. Cresce a necessidade de reflexão sobre a ética do cuidado, da solidariedade e da responsabilidade que estão entre os imperativos mínimos de uma ética mundial.¹⁷ A Igreja como instituição que cuida, não lança para longe de si a solidariedade e a responsabilidade pela vida, e aqui não vale apenas a vida como dimensão espiritual. Com base neste primeiro capítulo, surge o questionamento de bases teóricas, históricas e bíblicas para uma responsabilidade social, foco do segundo capítulo dessa pesquisa.

2015, 2016 e 2017 para os Certificados Públicos Municipais. Documento interno, sem publicação, tendo a colaboração importantíssima da assistente social Tatiana Abromovicz, que atuava nos projetos.

¹⁵ BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial: Um Consenso Mínimo entre os Humanos**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 87.

¹⁶ BOFF, 2009, p. 88.

¹⁷ BOFF, 2009, p. 93. Para Boff, “a responsabilidade mostra o caráter ético da pessoa”.

3 A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA IGREJA

3.1 Considerações Iniciais

Este capítulo tem como objetivo fundamentar teoricamente a responsabilidade social da igreja, buscando fontes bíblicas, históricas e teológicas sobre essa questão. Inicialmente tratar-se-á sobre o conceito, os avanços e fundamentos da responsabilidade social, depois analisar-se-á a ação de Jesus e a sua preocupação com o próximo num contexto de sofrimento e vulnerabilidade social, seguido de um estudo sobre a responsabilidade social das primeiras comunidades cristãs e, ao final, uma apresentação da visão, ação e posicionamento social dos pais e das mães da Igreja.

3.2 Fundamentação da Responsabilidade Social

Exercitar a responsabilidade social da igreja significa ser uma igreja com ações que excedem o paliativo, afinal não é possível ser igreja e não se confrontar com as crises sociais. Calvino Rocha destaca que falar em responsabilidade social é muito mais que filantropia. As igrejas conseguem, com facilidade, mobilização para ajudar com assistência médica, cestas básicas, assistência em desastres e emergências. Para entendermos a responsabilidade social, Rocha cita uma definição de Hércio da Silva Lessa, que divide esse tema em três categorias: Assistência, Serviço Social e Ação Social.

Nos idos do escravagismo, alguns cristãos, sensibilizados com os escravos castigados e violentados no pelourinho, resolviam ajudá-los com água, pão ou tratamento de suas feridas. Aquela atitude nobre, que não se relacionava com as causas da escravatura e mantinha o escravo na mesma situação, exemplifica o que se pode chamar de Assistência Social.

Na assistência social existe compaixão e manifestações práticas dessa compaixão. Existe coragem para, mesmo numa ínfima proporção, confrontar o erro, mas não existe transformação histórica, o escravo continuará sendo escravo e permanecerá sofrendo no pelourinho, esperando que uma alma caridosa venha cuidar de suas necessidades mais urgentes.

Outros cristãos, com uma visão mais aberta, mais ampla, vão além da assistência. De alguma forma, buscam assegurar a liberdade do escravo, através de levantamento de recursos para que ele seja comprado e libertado. Buscar-se-ão mecanismos para que o liberto encontre um trabalho e possa sobreviver nessa nova condição. Esse tipo de atitude, por mais louvável que seja, pode ser chamado de serviço social.

O problema desse tipo de ação, conquanto o senso de misericórdia tenha ultrapassado em muito a assistência social, pois neste caso se conseguiu a liberdade de um meio de subsistência do livre, é que de fato não operou aqui uma transformação histórica. Resolveu-se o problema de um escravo, mas a escravidão continuará a passos rápidos atingindo a outros e estes

continuarão a ser espancados, levados ao pelourinho e muitas vezes violentados até a morte.

Alguns outros cristãos lançar-se-ão na luta contra a escravatura, para que se elimine definitivamente a opressão sobre o ser humano. Ação esta verdadeiramente eficaz, pois as estruturas serão alcançadas, a instituição escravagista será afetada significativamente. Agora sim, a possibilidade de uma transformação histórica se avizinha. Tal atitude pode ser chamada de ação social.¹⁸

Nossa realidade hoje é de que cabe ao Estado dar assistência a quem necessita, para isso instituiu a política nacional da assistência social. No entanto, a própria assistência social nasceu das ações da igreja até se tornar profissional e científica. Talvez, devido a essa característica religiosa, ainda hoje as fronteiras entre profissional e voluntariado nos programas assistenciais são pouco definidas¹⁹. O que se percebe cada vez mais é a necessidade de parceria entre igreja e Estado nas políticas públicas e programas assistenciais, dessa forma ambos terão responsabilidade social²⁰. Ciliato e Moreira fundamentam:

Para que haja um mover na justiça social através da Igreja, é necessário que a mesma viva o Evangelho em sua plenitude que resume no amor incondicional. Pois quando a Igreja vive no amor de Cristo, suas ações sociais são consequências deste amor.²¹

Em relação ao tema da responsabilidade social e evangelização o Comitê de Lausanne convocou uma consulta em 1972 e, após debates, definiu que seria melhor dividir a responsabilidade social em duas categorias: serviço social e ação social que foram especificados da seguinte maneira:

Serviço Social	Ação Social
Socorrer o ser humano em suas necessidades	Eliminar as causas das necessidades
Atividades filantrópicas	Atividades políticas e econômicas
Procurar ministrar a indivíduos e famílias	Procurar transformar as estruturas da

¹⁸ LESSA, Hécio da Silva, 1998. Apud ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade Social da Igreja**. Londrina: Descoberta, 2003. p. 44- 45.

¹⁹ FEHLBERG, Maria da Penha Almeida. **Serviço Social: Influências Religiosas, Constituição da Profissão e Desafios Atuais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009. p. 18.

²⁰ Esse tema será aprofundado mais adiante, no terceiro capítulo.

²¹ CILIATO, Fabio; MOREIRA, Neir. Responsabilidade Social da Igreja Evangélica Contemporânea Segundo o Modelo de Cristo. **Revista Eletrônica Teologia e Espiritualidade da Faculdade Cristã de Curitiba**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 66-77, out. 2014. p. 5. Disponível em: <https://faculadecristadecuritiba.com.br/storage/2018/11/Numero-4-Outubro-2014-05.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2018.

	sociedade
Obras de caridade	Busca da justiça ²²

O Pacto de Lausanne não conseguiu relacionar responsabilidade social e evangelização²³ e algumas questões ficaram sem respostas frente às opções que havia. Rocha cita:

[...] A de que a responsabilidade social é um afastamento, ou mesmo uma traição da evangelização;
 [...] A de que a responsabilidade social é evangelização;
 [...] A de que responsabilidade social é uma manifestação – ou uma consequência – ou uma parceira da evangelização etc
 [...] A de que responsabilidade social e evangelização são componentes distintos, mas iguais do ministério da Igreja.²⁴

O autor afirma que não é possível ser igreja e ficar inerte aos problemas sociais e de que a igreja precisa tornar-se mais amorosa e sensível ao desafio que tem. Conta que Madre Tereza de Calcutá que participava de inúmeras reuniões com governantes e chefes de Estado com ornamentos luxuosos, sendo que ela usava seu tradicional sári preso por um alfinete, fora perguntada por um nobre se ela não ficava desanimada em ver quão pouco sucesso tinha seu ministério, respondeu que não ficava desanimada, porque Deus não a chamara para o sucesso, mas para o ministério da misericórdia.²⁵ Necessitamos de pessoas que olhem para a cidade e percebam os desafios, que proponham mais do que ações emergenciais. O engajamento das igrejas é fundamental nas discussões político-sociais. Elas têm a dimensão profética e libertadora do evangelho porque é o povo de Deus que clama nas igrejas, nas portas das igrejas, nas ruas e em todos os lugares. A pobreza, a injustiça social, a violência e falta de cuidado entre o ser humano não são invisíveis e carecem de respostas.

Brighenti, referindo-se à responsabilidade social do teólogo, diz que a teologia está a serviço da fé, mas a função da teologia não fica restrita à igreja, porque a igreja não existe para si mesma. Se a igreja é uma experiência comunitária de fé em perspectiva transformadora automaticamente busca transcender suas

²² ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade Social da Igreja**. Londrina: Descoberta, 2003. p. 46.

²³ Precisou retomar o tema da responsabilidade social em 1982 em Grand Rapids.

²⁴ ROCHA, 2003, p. 48.

²⁵ ROCHA, 2003, p. 131.

fronteiras para que a transformação aconteça de fato como um todo. A fé cristã não é dualista, o corpo representa o todo, significa que também as questões sociopolíticas, econômicas e ecológicas que afligem o corpo físico e a criação de Deus como um todo interessam a essa igreja.²⁶

Semelhantemente, Benedito Ferraro coloca o teólogo como agente social que, inserido num determinado contexto, produz conhecimentos e significações a partir desse meio. O teólogo pensa Deus a partir de um determinado lugar social. Se a fé em Deus está relacionada ao contexto histórico-social, então ela também nos faz pensar no ser humano e sua vida na sociedade que constrói. Segundo o autor, a relação fé-vida começou a ser fortemente marcada com a Teologia da Libertação através da inserção em lutas sociais e militância por direitos que se tornou um modo de viver, transmitir e celebrar a fé, assumindo as dores, alegrias e sofrimentos de homens e mulheres. Essa base foi fundamental para construções de pastorais sociais, movimentos ecológicos e conselhos de cidadania. Lembro, particularmente, que as igrejas foram fundamentais na criação de conselhos municipais, como o COMDE (Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência), pois suas ações já visavam inclusão desse público. Para Ferraro, na América Latina e no Caribe não partimos da questão da existência ou não de Deus (do ateísmo), mas a antítese fé-idolatria, pois a idolatria está aninhada dentro de um sistema econômico construído como 'neoliberalismo' que considera o lucro e as leis de mercado como parâmetros absolutos, prejudicando a vida de milhões de pessoas. Assim, defende a relevância política da teologia.²⁷

Para Bauman, conforme Campos, enxergar o outro como dependente e incapaz de autossuficiência, começou com a história de Caim e Abel (Gn 4.9), onde Caim pergunta a Deus: "Sou eu, por acaso, o guardião de meu irmão?". Faz esse comentário a partir da afirmação do filósofo Lévinas de que nessa pergunta enraivecida de Caim começou toda a imoralidade. Ao interpretar a resposta de Caim, Lévinas "afirma que nela não há zombaria de Deus, nem pretensão de jogar a culpa em outro que não ele próprio. Há sinceridade. 'Nela só falta a ética, nela só há

²⁶ BRIGHENTI, Agenor. Teologia e profecia: a responsabilidade social do teólogo. *In*: ABREU, Elza Helena de; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). **Sagrada Escritura e teologia: por uma responsabilidade social e comunitária da fé cristã**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 143.

²⁷ FERRARO, Benedito. A Teologia como produto social e produtora da sociedade: a relevância da teologia. *In*: BAPTISTA, Agostinho N.; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Teologia e sociedade: relações, dimensões e valores éticos**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 44-49.

ontologia: eu sou eu e ele é ele. Somos seres ontologicamente separados”²⁸. Num mundo onde pessoas empobrecidas, pessoas com deficiência, mulheres, pessoas negras, imigrantes entre outros considerados “dependentes” e vistos como os que sobrecarregam a estrutura da sociedade e mais atrapalham do que ajudam, vale lembrar a ética cristã que acontece na relação com a outra pessoa, de levar com seriedade e responsabilidade suas necessidades,²⁹ de colocar-se no lugar dela. A ética cristã nasce de Jesus Cristo, em relação ao qual os textos bíblicos afirmam que deu a própria vida e pede para que seus seguidores e suas seguidoras pratiquem o amor ao próximo.

3.3 A Ação de Jesus

Jesus revelou a face misericordiosa de Deus. Um Deus preocupado com o bem-estar integral da sua criação. A crucificação de Jesus está vinculada aos questionamentos sobre as estruturas de poder na sociedade e a hipocrisia de fé das pessoas, especialmente a dos fariseus. Em várias passagens dos evangelhos as ações de Jesus revelam o verdadeiro reino de Deus e sua vontade. Brakemeier, escrevendo sobre a palavra misericórdia, que fora esquecida pelos conterrâneos de Jesus, afirma:

Fé e misericórdia devem andar de mãos dadas. Eis mais outra premissa de acesso ao reino de Deus. Juntamente com o profeta Oseias, Jesus lembra que Deus prefere misericórdia a holocaustos (Os 6.6; Mt 9.13). Religiosidade, por si só, não salva. Por isso ele alerta: ‘Tenham misericórdia dos outros, assim como o Pai de vocês tem misericórdia de vocês’ (Lc 6.36). Está aí o fundamento sobre o qual repousa o imperativo. Deus é benigno até para com os ingratos e maus (Lc 6.36). Ele ‘faz com que o sol brilhe sobre os bons e sobre os maus e dá chuvas tanto para os que fazem o bem como para o que fazem o mal’ (Mt 5.45). Para Mateus e Lucas, trata-se de irrefutável prova do amor de Deus, inclusive a seus inimigos. Deus não persegue os incrédulos nem reserva a sua graça aos que lhe são simpáticos. Sua misericórdia é universal. Jesus prega um Deus misericordioso, que repudia a injustiça. Por isso mesmo o que importa é ter o coração junto aos miseráveis, socorrê-los em suas necessidades, demonstrar-lhes solidariedade. É isso o que Deus quer e é o que diz o termo ‘misericórdia’. Portanto, ‘Bem-aventurados os misericordiosos [...]’ (Mt 5.7).³⁰

²⁸ CAMPOS, Marta Silva. Políticas públicas e exigências éticas. In: BAPTISTA, Agostinho N.; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Teologia e sociedade: relações, dimensões e valores éticos**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 129.

²⁹ CAMPOS, 2011, p. 130.

³⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. **As Parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus**. São Leopoldo:

A parábola de Jesus sobre o homem rico e Lázaro (Lc 16.19-31) traz numerosas réplicas na atualidade, segundo Brakemeier. Pois o mundo vive em grande desigualdade social: pessoas fugindo de guerras e pedindo asilo, emprego e novas oportunidades.³¹ Por outro lado, grande parcela da população vive ou pensa em viver gastando seu dinheiro com prazeres momentâneos e egoístas como bebida, comida, tecnologia, jogos, entre outros. Uma crítica que Jesus faz ao pensamento do agricultor que destruiu os celeiros e construiu maiores para acumular o que colheu a fim de não precisar trabalhar mais, mas ficar desocupado, bebendo e comendo (Lc 12.13-21). Mesmo com toda a tecnologia, mais cedo ou mais tarde, o ser humano se dará conta que não poderá prolongar a sua vida e que “longevidade não é sinônimo de vida eterna, e o divertimento é incapaz de fornecer um sentido à vida. Sem fé, amor e esperança, ela passa a ser vazia, enfadonha e absurda”³². Jesus lembra, nessa parábola do agricultor, o compromisso de solidariedade com as outras pessoas e anuncia um novo modo de viver e de se relacionar.³³

Jesus analisa e ensina aos discípulos que o modelo de exercer e lidar com o poder e autoridade de seu tempo (e ainda hoje!) está em contradição com o reino de Deus. Ensina que se alguém quiser ser importante, que sirva (Mc 10.35-45). Esta é a ordem fundamental de Jesus para a vida comunitária. Rodolfo Gaede Neto diz que não se pode analisar esse texto de forma isolada, mas perceber que os capítulos anteriores apontam para o “discipulado na perspectiva da cruz”. Entretanto, “a exigência mais difícil do discipulado da cruz é a aplicação da *regra fundamental* a todas as esferas da vida, [...]”, percebendo-se “um esforço de Marcos para evidenciar a *construção de uma nova ordem social* por parte de Jesus, válida para todas as áreas da relação humana”³⁴, pois a sociedade está contaminada com a prática da dominação que precisa ser erradicada. Essa nova ordem de viver sociedade está baseada nos valores do reino, onde todas as pessoas são semelhantes umas das outras, são sujeitos de sua própria história, como é possível ser constatado em Mc 10.40-52, onde Bartimeu é ouvido, tem o uso da palavra para dizer qual era sua vontade e necessidade, é incluído e tem seu direito de viver com

Sinodal, 2016. p. 24s.

³¹ BRAKEMEIER, 2016, p. 95.

³² BRAKEMEIER, 2016, p. 113.

³³ BRAKEMEIER, 2016, p. 110-113.

³⁴ GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus**: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal, CEBI; São Paulo: Paulus, 2001. p. 54.

dignidade resgatada. Ou como o exemplo da viúva pobre (Mc 12. 41-44), observada por Jesus, cujo status social e econômico, não devem ser motivos de julgamento e exclusão. A nova ordem está amparada no primeiro grande mandamento de amar a Deus acima de todas as coisas e no segundo mandamento de amar ao próximo como a si mesmo (Mc 12. 28-34). Jesus resume toda lei e interliga esses dois mandamentos.

Após a crucificação, morte e ressurreição de Jesus, os discípulos buscaram colocar em prática o que aprenderam de seu mestre e salvador. Por isso, a comunidade de Jerusalém, conduzida pelos apóstolos e as primeiras comunidades cristãs que foram surgindo com o anúncio do evangelho, possuíam uma dimensão de *serviço* e uma visão integral do ser humano.

3.4 A Igreja em Jerusalém

O evangelista Lucas relata em Atos dos Apóstolos como viviam os primeiros cristãos (Atos 2. 42-43; 4. 32-37). Mesmo que haja “indícios de que Lucas esteja projetando nos inícios a imagem ideal da igreja”³⁵, segundo Brakemeier, não podemos negar que são muitos os relatos no Novo Testamento onde entendemos que os primeiros cristãos viviam de uma forma muito particular, destacando a comunidade cristã da judaica e outras. Acredita-se que, após a morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos deram continuidade ao modelo de partilha econômica que eles praticavam. Por isso, pouco é provável que os apóstolos se ativessem a Deuteronômio 15.4 onde é dito que dividir a riqueza eliminaria a pobreza, mas que estavam mais interessados em continuar o que aprenderam com Jesus.³⁶

O pensamento apocalíptico judaico sobre o fim dos tempos forneceu aos cristãos a emergência em vender os bens e distribuir entre os pobres. Não apenas isso, mas o próprio Jesus, sugeriu vender os bens e distribuir entre os menos favorecidos (Lucas 12.33, 18.22). Também os filósofos como Pitágoras, Platão e Aristóteles³⁷ sugeriram modelos de vida que consistiam em partilha³⁸. Já na opinião de Comblin,

³⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. **O “Socialismo” da primeira cristandade: Uma Experiência e um Desafio para Hoje.** São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 8.

³⁶ GIANASTACIO, Vanderlei. **Responsabilidade Social, Serviço e Cidadania à Luz da Igreja Primitiva.** São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 40.

³⁷ Para maiores informações: MENDES, Benjamin. **A república de Platão: uma alternativa para a**

Lucas não parte de uma visão escatológica ou apocalíptica: não parte da convicção da ruína iminente dos poderes deste mundo como o autor do Apocalipse. Pelo contrário, o problema é histórico: O que é que o cristianismo traz aos ricos e aos pobres reunidos na mesma comunidade? O que exige deles?³⁹

A práxis social dessa nova igreja que Lucas relata, especialmente em Atos 2 e 4, não significa ‘uma espécie de mística de pobreza ou desprendimento dos bens no estilo dos essênios, dos estoicos, dos cínicos ou dos neopitagóricos, mas de ajuda real aos necessitados da comunidade’⁴⁰. Isso fica ainda mais claro no capítulo 4. 32-37 onde é apresentado o sistema assistencial para que ninguém passasse necessidade e esse fundo era administrado pelos apóstolos. Eram socorridos em suas necessidades: a) os próprios discípulos que, sendo galileus, vieram para Jerusalém e que antes eram pescadores e camponeses encontravam-se sem recursos; b) João 9.22, 12.42 e 16.2 relatam que pessoas que aderiram à fé cristã sofreram privações e foram excluídas do seu núcleo familiar e social e precisavam de apoio, sem falar que Jerusalém era um centro de mendicância e como os cultos cristãos aconteciam nas casas era comum que ao redor delas vivessem mendigos e esses também viessem a integrar a comunidade; c) assistência às viúvas helenistas que, ao que tudo indica, não eram incluídas na assistência social aos pobres em Jerusalém, assim a comunidade assumiu esse cuidado. Elas tinham o costume de se mudar para Jerusalém e ali terminar a vida já que ali havia a concentração do poder econômico e religioso. Casais de judeus da diáspora também se mudavam e quando os maridos faleciam as viúvas continuavam na cidade. Cuidar das viúvas era dever de todo judeu, inclusive Tiago, um dos líderes da igreja em Jerusalém, tem isso muito claro e associa o cuidado às viúvas e o socorro às pessoas empobrecidas

organização social grega em IV A.C.. Disponível em: http://obviousmag.org/archives/2009/02/a_republica_de_platao_uma_alternativa_para_a_organ.html. Acesso em: 14 fev. 2019. Ou ainda: RICKEN, Friedo. **O bem-viver em comunidade: a vida boa segundo Platão e Aristóteles**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 10-11. “Numa comunidade elementar, a opressão e a ilusão não são estratégias possíveis para alcançar as próprias metas. Mas como o outro é um ser livre, que persegue seus próprios objetivos, uma troca com ele só é possível numa base de igualdade. Valores ou normas morais mostram-se como tais quando promovem a comunidade; eles são reconhecidos em função das experiências de vida em comunidades humanas elementares.”

³⁸ GIANASTACIO, 2006, p. 41.

³⁹ COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. v. 1. Petrópolis: Vozes, São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 34.

⁴⁰ PIMENTEL, 1999 *Apud* GIANASTACIO, 2006, p. 173.

como verdadeira religião. Nesse contexto não se sabe quem cuidava das viúvas hebreias.⁴¹

A comunidade de Jerusalém também era caracterizada pela integração e aceitação das pessoas em seus trabalhos, como foi o caso de Barnabé. Natural de Chipre, acreditou no potencial dessa nova comunidade e, ao contrário de Ananias e Safira (Atos 5.1-11) depositou os seus bens e mais adiante foi enviado pelos apóstolos a Antioquia para trazer retorno de como estava o cristianismo naquela cidade.

É no fim do capítulo 12 que poderia se traçar uma linha divisória do livro de Atos, antes do anúncio do evangelho entre os povos. Porque os capítulos 1-12 nos mostram a comunidade-mãe de Jerusalém,

Da fundação de tudo o que é essencial para a igreja: o dom do Espírito, o anúncio intrépido da Palavra, a comunhão fraterna, a oração e os sinais prodigiosos, a organização e os serviços (diaconais), a perseguição e o testemunho de sangue (martírio), que constitui o elo central dessa parte (Estêvão, At 6-7).

É na Igreja-mãe que começam as ser superadas as restrições da Lei judaica. Em oposição à religião masculina do Judaísmo, mulheres tornam-se o coração da comunidade de Jerusalém: Maria, a mãe de Jesus (1,14), e Maria, a mãe de Marcos (12,12). Quanto aos excluídos da Lei, o evangelizador Filipe, sancionado por Pedro e João, converte a Samaria (At 8). Filipe batiza o eunuco egípcio, Pedro o centurião romano e seus companheiros, sem exigir a circuncisão (At 10-11).⁴²

A comunidade de Jerusalém apresentou para uma sociedade que tinha vários problemas sociais uma igreja acolhedora e de cuidado. Ela organizou sua diaconia, sua ação social. Organizou um sistema de ajuda mútua, não faltavam em oração e pregação. E assim entendemos o que Lucas escreve em Atos 2.47 “dia após dia, os que iam sendo salvos” eram acrescentados no número de membros da comunidade. Uma análise objetiva para concluir essa parte é de Casonatto que percebe quatro lados fundamentais das primeiras comunidades, a saber: lado social, lado econômico, lado religioso e lado político⁴³.

⁴¹ GIANASTACIO, 2006, p. 41-47.

⁴² MAZZAROLLO, Isidoro. **Atos dos Apóstolos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 42-43.

⁴³ CASONATTO, Odalberto Domingos. **A origem das primeiras comunidades cristãs nos Atos dos Apóstolos**. Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=7137>. Acesso em: 24 mar. 2018.

3.5 A Igreja em Antioquia

De acordo com os estudos de Gianastacio, Antioquia da Síria tornou-se muito cedo uma metrópole do Império Romano que invadiu a Síria em 64 a.C., a capital da dinastia selêucida fundada por Seleuco Nicátor no terceiro século a.C. Situada numa planície fértil, perto do mar e do rio Oronte navegáveis, tornou-se no passado comunicável com todas as cidades marítimas. Além dela ficava o deserto Sírio no qual viajavam caravanas da Mesopotâmia e Arábia. Havia comunicação entre a Europa e a Ásia e era uma das mais belas cidades do Império Romano. Ali havia tudo de mais moderno da época: templos, banhos, basílicas, ruas pavimentadas, admiráveis estátuas. Cidade helênica, a mitologia grega tinha força, com cultos a Apolo, prática da magia (Atos 8. 18-19) e manutenção das antigas religiões da Ásia e do charlatanismo babilônico. Logo, fez de Antioquia um lugar de sincretismo religioso. Seleuco estabeleceu que todas as pessoas que viessem para Antioquia seriam consideradas cidadãs do lugar. Assim, durante três séculos, pessoas vieram de todos os lugares, trazendo sua cultura, sua língua e sua religião. Insatisfeitas com a religião politeísta, muitas pessoas aderiam a forte presença judaica na cidade. Essa mistura de etnias contribuiu e influenciou na formação da igreja cristã de Antioquia.⁴⁴

A formação da igreja em Antioquia surge com a perseguição de Saulo/Paulo aos cristãos em Jerusalém, episódio relatado em Atos 8.1, que foram espalhados pelas regiões da Judeia e Samaria, com exceção dos apóstolos. Judeus hebreus e helenistas⁴⁵, identificados com a pregação de Estêvão, precisaram deixar a cidade. Em Atos 11.19 afirma-se que um grupo de cristãos anunciava a mensagem somente aos judeus, que nos ajuda a entender que também entre os helenistas havia a ideia de pregar primeiro a quem fosse da casa de Israel. Mas havia outro grupo de judeus helenistas vindos de Chipre e Cirene que anunciavam aos gentios, pois tinham um conceito diferente de judaísmo em relação aos que residiam em Jerusalém. Como escrevemos anteriormente, o judaísmo atraiu muitos gentios às suas sinagogas e, provavelmente, ouvindo a pregação dos cristãos de Chipre e Cirene ou ainda outros cristãos formaram a igreja em Antioquia. Assim, a igreja surgiu de um grupo de cristãos heterogêneo: judeus helenistas e pagãos convertidos. Não foi iniciativa da

⁴⁴ GIANASTACIO, 2006, p. 55-57.

⁴⁵ Os judeus helenistas eram os judeus de língua e cultura grega. MAZZAROLLO, 2002, p. 99.

comunidade de Jerusalém, visto que Barnabé é enviado para reconhecer e animar a comunidade que se formara⁴⁶.

Pelo visto Barnabé, natural de Chipre e judeu helenista convertido e sem preconceitos, se encanta com o que vê naquela igreja (um dos motivos deve ter sido a comunhão de mesa entre judeus e gentios), mas percebe que é preciso orientação e formação para esses cristãos, mesmo que havia profetas como Ágabo (Atos 11.27) presidindo na comunidade. Procura Paulo em Tarso, convertido ao Cristianismo, para ajudá-lo na tarefa. Paulo, formado por Gamaliel (Atos 22.3), com coragem e coerência poderia responder ao público com considerável nível cultural e formação estoica como havia em Antioquia. Paulo e Barnabé ficaram um ano em Antioquia e seu ensino contribuiu para que essa comunidade tivesse uma visão missionária e uma práxis social.⁴⁷

Em Atos 11.29 lemos que os cristãos de Antioquia enviam socorro aos cristãos de Jerusalém. Lucas dá ênfase à diaconia⁴⁸ da igreja de Antioquia, pois era solidária, fraterna, acolhedora (perceptível, inclusive, na liderança étnica da igreja)⁴⁹ e missionária (conforme Atos 13.1-4 acontece a imposição de mãos e envio de Paulo e Barnabé para seguirem na missão).⁵⁰ Assim, relata Mazzarollo,

Em união fraterna com a Igreja-mãe surge, pela obra dos perseguidos, a Igreja missionária de Antioquia (11,49). As pessoas que constituem o elo entre as duas Igrejas são Barnabé, que dá o exemplo da comunhão dos bens (4.36-37), e Saulo, o perseguidor convertido (cap.9). Eles é que vão agora abrir o horizonte em direção a Chipre (terra de Barnabé) e a Pisídia (região vizinha de Paulo). Iniciam definitivamente a evangelização universal, descrita na segunda parte do livro (At 13-28). Pedro, protagonista da primeira parte de Atos, reaparecerá no cap.15 para apoiar a evangelização sem discriminação realizada por Barnabé e Paulo (Concílio dos Apóstolos).⁵¹

3.6 A Igreja em Éfeso

O contexto de Éfeso é bem descrito e sintetizado por Gass:

⁴⁶ GIANASTACIO, 2006, p. 58-61.

⁴⁷ GIANASTACIO, 2006, p. 62-69

⁴⁸ COMBLIN, 1988, p. 208.

⁴⁹ Conforme GIANASTACIO, 2006, p. 76-81: Barnabé, Simeão que era negro, Lúcio de Cirene (provavelmente negro), Manaém (criado com Herodes – o tetrarca – portanto, também de alta classe), Paulo, profetas e mestres (dirigiam as assembleias com uma mensagem ou oração a Deus enquanto os doutores cristãos interpretavam as Escrituras quanto ao Evangelho e sobre palavras e ações de Jesus).

⁵⁰ GIANASTACIO, 2006, p. 69-73

⁵¹ MAZZAROLLO, 2002, p. 43.

Grande cidade portuária da Ásia Menor. Era capital da província romana da Ásia, com toda a estrutura do império. O solo fértil favorecia a agricultura e a pecuária. Havia um porto com comércio intenso e muito artesanato. Cultura em destaque: filosofia, artes, letras e teatro. Além de cultuar o imperador divino, Éfeso era também a sede da Deusa Ártemis (At 19,23-34).⁵²

Segundo Comblin, o tempo de Paulo em Éfeso foi cheio de acontecimentos marcantes. Sua característica missionária era procurar as grandes capitais para atingir o maior número de pessoas. Já nos primeiros versículos de Atos 19 encontramos o encontro e diálogo de Paulo com alguns discípulos⁵³ sobre o batismo que haviam recebido. Eles haviam recebido “apenas” o batismo de João e agora, através de Paulo, são batizados em nome de Jesus e sobre eles desce o Espírito Santo. O batismo de Jesus é superior ao de João e essa centralidade em Cristo aparece em todos os discursos e todas as ações de Paulo em Éfeso. Ali escreveu 1 Coríntios, provavelmente 2 Coríntios (capítulos 10-13), Gálatas e Filipenses. Ficou pregando, curando e ensinando na cidade durante dois anos na sala de Tirano⁵⁴ durante as horas de descanso, quando não tinha aula, visto que alguns judeus se opunham aos seus ensinamentos na sinagoga⁵⁵. Aos domingos os cristãos também se reuniam em outros locais. Em Éfeso os filhos do sumo-sacerdote Ceva tentaram usar o modelo de Paulo para expulsar maus espíritos (At 19.13-14). O demônio não lhes obedece, diz que conhece a Jesus e a Paulo, mas que eles são desconhecidos. Segundo Comblin, havia ainda muitos cristãos que preservavam magia e superstição, enquanto o cristianismo exige o abandono de tais práticas e obediência somente a Cristo. Todos esses acontecimentos contribuíram para fortalecer ainda mais o nome de Jesus e o cristianismo crescia e expandia.⁵⁶

Em Atos 20.33-35, Paulo diz:

De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é

⁵² GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia**: As comunidades cristãs a partir da segunda geração. (Segundo Testamento – A serviço da leitura libertadora da Bíblia). v. 8. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005. p. 60.

⁵³ Lucas quer fazer uma distinção entre os discípulos de João e de Jesus.

⁵⁴ Tirano dava aulas de retórica.

⁵⁵ Depois do batismo do grupo de discípulos vem a ruptura com a sinagoga.

⁵⁶ COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. v. 2. Petrópolis: Vozes, São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 95-98.

mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber⁵⁷.

Para Gianastacio, Paulo ensinou como deveriam viver as pessoas cristãs. Deveria haver uma coerência entre discurso e prática. O estilo da vida cristã é repartir com quem nada tem, mas também exorta que as pessoas trabalhem para que tenham com quem dividir e possam ajudar os necessitados. Paulo sustenta sua palavra a partir de Jesus: ‘mais bem-aventurado é dar do que receber’ (At 20.35) e ‘Dai e vos será dado’ (Lc 6.38)⁵⁸. São duas as finalidades dos trabalhos dos presbíteros: “providenciar o necessário para a própria vida e poder ajudar os mais fracos”⁵⁹. Nessas posições do apóstolo, vemos que sua visão de diaconia e de todo ministério na igreja não é criar dependência. Por isso, a importância de refletir sobre aquilo que se pratica na comunidade ou nos serviços do Estado a fim de não criar dependência nem promover a desigualdade, mas a transformação social.

Esse posicionamento confere também com o que Gass diz sobre as relações interpessoais que deveriam existir na comunidade. Tão importante que o autor da Carta aos Efésios, provavelmente um discípulo do apóstolo Paulo, não deixou de registrar a questão.

Quanto à questão das relações de gênero, de geração e de classe, convém não esquecer que as normas para maridos, pais e senhores indicam que também eles entraram nas comunidades. Porém, pelo menos ali, deviam seguir outras formas de conduta e aceitar as relações mais iguais e solidárias. Ao mesmo tempo, são exortados a continuarem assim também em todos os níveis da vida.⁶⁰

Concluindo, segundo Gianastacio,

Começando pelo texto de Atos 20.27, Paulo diz que jamais tinha deixado de ‘anunciar todo o desígnio de Deus’. Entendendo pelo contexto bíblico que um dos desígnios de Deus é aproximar o ser humano do próximo, Abraham Malherbe, escrevendo sobre Paulo e os tessalonicenses, afirma que o apóstolo⁶¹ ‘ensinou seus novos convertidos sobre o amor de irmão e isso, é significativo quando ele os lembrava disso, também enfatizava a responsabilidade social deles e recomendava-os a relacionamentos positivos com os de fora’.⁶²

⁵⁷ ATOS. *In*: BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

⁵⁸ GIANASTACIO, 2006, p. 96-97.

⁵⁹ COMBLIN, 1989, p. 117.

⁶⁰ GASS, 2005, p. 58.

⁶¹ GIANASTACIO, 2006, p. 95.

⁶² MALHERBE, Abraham, 1963 *Apud* GIANASTACIO, 2006, p. 95.

3.7 Os Pais e as Mães da Igreja e a Questão Social

A questão social foi preocupação dos Pais e das Mães da Igreja, ou seja, aqueles cristãos e aquelas cristãs que viveram nos primeiros séculos do cristianismo e marcaram profundamente a história e a forma de ser igreja. Benoit, diz que foi no Século II que surgiu o nome “pais”, depois do martírio de Policarpo, quando os pagãos exclamaram: ‘Eis o doutor da Ásia, o pai dos cristãos’⁶³. Quem eram os pais e as mães da Igreja? “Agostinho, Ambrósio, Atanásio, Basílio, Cipriano, Cirilo, Clemente, Efrém, Gregório, Hilário, Inácio, Ireneu, Jerônimo, João, Justino, Leão, Macrina, Melânia, Orígenes, Tertuliano”⁶⁴. Com certeza havia outros, mas a história os perdeu. Muitos foram mártires, perderam a vida por causa da fé. Segundo Guimarães, eram pessoas de comunidade preocupadas em relacionar a vida e a fé, como Justino; diáconos e animadores de liturgia, como Efrém que viveu onde hoje é o Irã; catequistas, como Orígenes; virgens e viúvas consagradas, como Macrina; padres, como Jerônimo; bispos, como Agostinho e Ambrósio; papas, como Leão. Anunciavam o evangelho, em palavras e ações, em diferentes contextos: cidade, campo, periferia⁶⁵. Não nos é possível falar de todos e de todas, por isso abordaremos apenas alguns dos temas diaconais ou sociais que foram defendidos ou apoiados por eles e elas como forma de cuidado e responsabilidade cristã.

Rodolfo Gaede Neto tem pesquisado sobre *diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo* e destaca, entre outras ações, a **refeição comunitária ou Ágape** como fundamental na vida comunitária. O fato de Atos 6.1 mencionar que as viúvas helenistas estavam sendo esquecidas na partilha diária demonstra que tal assistência (a refeição das viúvas e podemos imaginar outras pessoas que necessitavam de ajuda) e as ceias estavam ligadas. Ao entardecer, as pessoas traziam do que dispunham e separavam o pão e o suco da videira para fazer a Ceia. Sissi Georg destaca que o “ágape fazia parte do método para ensinar o que era a vida cristã” e “a prova inequívoca e o testemunho mais eloqüente [sic] da unidade de diaconia e culto cristão”⁶⁶. Gaede Neto afirma que a Ceia também era importante

⁶³ BENOIT, André. **A Atualidade dos Pais da Igreja**. São Paulo: ASTE, 1966. p. 11.

⁶⁴ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Conversando com os Pais e Mães da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 13.

⁶⁵ GUIMARÃES, 1994, p. 14.

⁶⁶ GEORG, Sissi. Diaconia e culto cristão: uma unidade essencial com consequências para a vida das comunidades cristãs. **Tear**: liturgia em revista, São Leopoldo, n.18, p. 10-16, nov. 2005. p.11.

para cristãos em viagem, apóstolos e outros, pois encontravam acolhida e conforto. A separação das ágapes da ceia (eucaristia), segundo o autor, acontece a partir da situação ocorrida em 1 Coríntios 11.17-34 quando o apóstolo Paulo precisa estabelecer uma ordem na comunidade de Corinto. Pessoas que dispunham de tempo e bens vinham mais cedo para as ágapes, comiam e bebiam até ficarem embriagadas e, depois quando vinham os pobres e escravos, não havia mais nada para comer. Mas essa separação não impediu a continuação do caráter social das refeições comunitárias, pelo contrário, quem precisasse de ajuda tinha na comunidade apoio⁶⁷. Segundo o autor, as ágapes e a Ceia eram tão importantes nos primeiros séculos que podem ser constatados

[...] nos escritos de Plínio, o jovem governador, Clemente de Alexandria (ano 150-211), Hipólito (*Tradição Apostólica*), Tertuliano (*Apologético*), Atanásio (295-373) e Agostinho, que escreve: 'é que as nossas ágapes alimentam os pobres'⁶⁸. Os seguintes documentos fazem referência ao mesmo tema: Didascália dos Apóstolos, Constituições Apostólicas e em relatos acerca da vida de mártires.⁶⁹

Figueiredo escreve que “bem cedo os Padres terão de repreender os cristãos por não sentirem o apelo evangélico ao desprendimento diante dos bens terrenos, e sobretudo não perceberem mais a exigência da partilha”⁷⁰. Assim, pregava Gregório de Nissa:

Abraça o infeliz como se fosse ouro. Leva nos braços o alquebrado para tua própria saúde, a salvação de tua esposa, dos filhos, dos servos, de toda a tua família. [...] Contudo dizes: Eu também sou pobre. Está bem. Dá mesmo assim. Dá o que tens. Deus não quer aquilo que está acima das forças; Dá, tu, o pão; outro, o copo de vinho; mais outro, a roupa; deste modo, pela contribuição de muitos, acabará a desgraça de um.⁷¹

João Crisóstomo, nascido em Antioquia entre os anos 344 e 354, foi um dos padres da Igreja que observava com muita sensibilidade e pregava sobre o contraste social entre ricos e pobres. Somente após sua morte no exílio quando os restos mortais chegam a Constantinopla, onde foi bispo, é que se percebe quão grande herança literária deixara, especialmente seu olhar sobre a **população em situação**

⁶⁷ GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia e Cuidado nos Primeiros Séculos do Cristianismo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v 55, n. 2, p. 316-332, 2015. p. 316-318.

⁶⁸ GEORG, 2006 *Apud* GAEDE NETO, 2015, p. 319.

⁶⁹ GAEDE NETO, 2015, p. 318-319.

⁷⁰ FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Os padres da Igreja e a questão social**: homilias de Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 9.

⁷¹ FIGUEIREDO, 1986, p. 26.

de rua⁷², apesar de que para Dreher, algumas considerações de Crisóstomo são um tanto ingênuas, pois não percebeu o interesse político-econômico nem a realidade escondida sob os problemas sociais.⁷³ Numa pregação sobre 1 Coríntios 16.1-4, diz:

Pois, apressando-me para nossa reunião, ao passar pela praça e por perto de recantos, vi logo nas esquinas muitos deitados, uns de mãos decepadas, sem olhos outros, ou cobertos de chagas e feridas incuráveis, expondo esses males extremos nos membros que seria preciso encobrir totalmente de tão purulentos. Considerei então ser a última das desumanidades não vir conversar sobre eles com vossa caridade e principalmente para vos estimular a respeito. Pois são sempre precisos sermões sobre a misericórdia, já que também nós temos muitas vezes pedi-la ao Senhor que nos criou. [...] Os ricos têm campos, casas e outros recursos; eles, porém, só têm o corpo e todo ganho que lhes chega pelas mãos; de nenhuma outra parte o esperam.⁷⁴

Outro padre da Igreja, anterior a João Crisóstomo, que pregava a caridade, o perigo da avareza e zelava pela unidade da Igreja foi Basílio Magno. Nasceu no interior da Ásia Menor, nas terras da Capadócia, pelo ano 330. Na pregação sobre o evangelho de Lucas 12.16-18, cujo relato é sobre o homem rico que olhou para seus celeiros cheios, refletiu sobre o problema e decidiu destruir e construir maiores, Basílio Magno diz:

E tudo vem de Deus: qualidade da terra, temperatura estável do ar, abundância de sementes, ajuda dos bois, tudo o mais que a lavoura produz para a prosperidade. E qual é a contribuição do homem? Temperamento amargo, misantropia, nenhum desejo de repartir. Revela-se o contrário do benfazejo. Não se lembra da natureza comum; não julga ser preciso repartir o supérfluo com os indigentes; nada quis saber do mandamento: 'Não te abandonem nunca as esmolas e a confiança' (Pv 3.27 e 3). Ainda: 'Reparte teu pão com o faminto' (Is 58,7). E todos os profetas, todos os doutores incitam, aos gritos. Não os ouvem.⁷⁵

Os primeiros cristãos, segundo Rodolfo Gaede Neto, também se preocupavam e solidarizavam com outras pessoas em **situações de emergência** e se empenhavam na prática da hospitalidade, nas ofertas solidárias, nas campanhas de solidariedade e em oferecer um sepultamento digno aos mortos. Destaca que, segundo as fontes dos pais da igreja, em muitos lugares onde a peste afligia a população, como Alexandria, Ásia Menor, Etiópia e Cartago, os cristãos foram os únicos a prestar socorro, a cuidar dos enfermos, dar um sepultamento digno.

⁷² FIGUEIREDO, 1986, p. 65s. Também: DREHER, Martin N. **A Igreja no Império Romano**. v. 1. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 86-89.

⁷³ DREHER, 2004, p.89.

⁷⁴ FIGUEIREDO, 1986, p. 65s.

⁷⁵ FIGUEIREDO, 1986, p. 13.

Enquanto familiares infectados eram deixados para trás, os cristãos os acolhiam. Quanto à **hospitalidade** o autor destaca que, desde cedo, se tornou prática devido a organização da igreja enquanto doméstica, fator que contribuiu muito para o crescimento do cristianismo, pois as pessoas podiam viajar e encontravam na casa de irmãos da mesma fé acolhida e alívio para sua viagem. O apóstolo Paulo e outros que anunciavam o evangelho dependeram da hospitalidade. Jesus cita a hospitalidade entre as obras de misericórdia em Mateus 25. 31-46 já conhecidas entre o povo judeu desde o surgimento no Antigo Egito⁷⁶. Gregório de Nissa (falecido em 394 d. C.), irmão mais novo de Basílio Magno, escreve assim sobre o estrangeiro e emigrado que carecem de hospitalidade:

O estrangeiro e o emigrado também não faltam. Por toda a parte vêem-se [sic] mãos estendidas buscando auxílio. Para eles, casa é o ar livre. Hospedaria, os pórticos e ruas e os lugares mais ermos da praça. À semelhança das corujas e dos mochos escondem-se nos buracos. Sua roupa são andrajos enrolados ao corpo; colheita, a decisão dos compadecidos; alimento, o que por acaso lhes cai nas mãos; bebida, a das fontes que também é a dos animais; copo, o côncavo das mãos; despensa, pregas da roupa se estas não deixarem cair, mas reter o que foi posto; mesa, os joelhos dobrados; leito, o chão; banho, rio ou lago, aquilo que Deus providenciou, comum a todos e natural. Para eles, vida errante e grosseira, não como era no princípio, mas tal como a fizeram a desgraça e a necessidade.⁷⁷

Outra práxis social da igreja antiga era a **caixa comunitária** já presente desde a primeira comunidade cristã (Atos 2). Gaede Neto diz que não era obrigação entre os cristãos, enquanto que para a comunidade de Qumram, formada pelos essênios, a partilha dos bens era obrigatória. Justino incentiva a partilha espontânea assim como Orígenes que mais tarde descreve a função da caixa comunitária: deveria servir de ajuda não de igual forma, mas de acordo com a necessidade da pessoa. A comunidade cristã exercia um papel fundamental, especialmente, no cuidado aos órfãos. Muitas crianças, principalmente as não desejadas e as nascidas fora do casamento, eram abandonadas. Sua sobrevivência sem o acolhimento dos cristãos estaria tragicamente destinada à prostituição ou escravidão. Conforme Georg, a caixa comunitária era usada também em casos de escravidão para pagar o resgate de alguns escravos, especialmente idosos, que vinham integrar a comunidade cristã e até se tornar líderes. Os recursos da caixa comunitária também

⁷⁶ GAEDE NETO, 2015, p. 320s.

⁷⁷ FIGUEIREDO, 1986, p. 25.

eram usados para socorrer os náufragos, que estavam entre os mais pobres e desprotegidos, pessoas encarceradas (sendo a maioria por causa da fé) e para sepultar os mortos⁷⁸. O bispo Cipriano teve especial cuidado em recomendar os encarcerados ao cuidado dos cristãos para que não deixassem de lhes assistir⁷⁹.

Em Cartago, diáconos assumiram um serviço carcerário permanente. Algumas informações a esse respeito foram registradas pela mártir Perpétua, em seus relatos da prisão. Alguns diáconos se tornavam funcionários dos presídios para, assim, estar mais próximos dos irmãos presos e poder servi-los em sentido espiritual e material. Com isso correm diariamente o risco de ser denunciados e também encarcerados.⁸⁰

A igreja antiga era de uma força econômica muito grande, fato que chamou a atenção do império. A caixa comunitária era administrada pelos diáconos e a história não deixou de registrar pessoas que se dedicaram ao anúncio do evangelho e à prática do amor ao próximo⁸¹. Uma dessas pessoas foi Lourenço de Huesca que virou mártir por defender a riqueza da igreja utilizada para o cuidado com os pobres e necessitados já que o império não o fazia. Ele era um dos sete diáconos da igreja de Roma e foi queimado vivo numa grelha. Mesmo na fogueira, não perdia seu humor, dizendo: podem me virar, desse lado já estou bem queimado.⁸²

Esse modelo de caixa comunitária também foi incentivado pelo reformador Martim Lutero. A pobreza na Idade Média já era grande e com o esvaziamento dos conventos aumentou ainda mais. O reformador queria garantir que quem saísse dos conventos pudesse sobreviver, assim defendia que a Igreja e o governo deveriam organizar formas de ajuda. Assim, ajudou a paróquia de Leisnig organizar sua práxis social:

Em setembro de 1522, Lutero viajou a Leisnig para assessorar a cidade na criação de uma caixa comunitária. A paróquia de Leisnig era grande. Pertenciam-lhe 11 aldeias e ganhava dinheiro com pedágio sobre o rio Mulde. A paróquia elaborou um estatuto e nele podemos perceber uma organização incrível. As doações, contribuições, o patrimônio, etc; eram incluídas na caixa comunitária e distribuídas para quem estivesse em necessidade [...]. Além disso, a paróquia tinha seus gastos com o ministério pastoral, a escola, o hospital, a sacristia, a conservação e construção de

⁷⁸ GEORG, Sissi. **Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos**. 1999. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999. p. 59, 61s.

⁷⁹ GAEDE NETO, 2015, p. 323-326.

⁸⁰ GAEDE NETO, 2015, p. 326.

⁸¹ GAEDE NETO, 2015, p. 327s. GEORG, 1999, p. 63.

⁸² LOURENÇO DE HUESCA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Louren%C3%A7o_de_Huesca. Acesso em: 24 jan. 2018.

prédios, o estoque de cereais para os períodos de carestia, etc. Eram eleitos dez administradores para cuidarem da caixa comunitária. Estes recolhiam os bens e também os distribuía. Os administradores que assumissem essa tarefa posteriormente deveriam consultar os administradores antigos. Tudo tinha que ser registrado em livro de atas e livro-caixa. A comunidade fazia assembleia [sic] três vezes por anos [sic] e todos os membros destinavam uma contribuição anual para a caixa comunitária de acordo com as suas situações. No estatuto percebemos que a própria comunidade entendia que esse serviço estava amparado na liberdade cristã e esperava que essa liberdade não fosse usada de modo abusivo.⁸³

Outra prática de solidariedade e cuidado para com o próximo eram as **ofertas** entre as comunidades cristãs nos primeiros séculos. Nas cartas paulinas constata-se em várias passagens que comunidades como Macedônia e Acaia (At 19.21s; Rm 15. 25ss), Galácia (1 Co 16.1) e Corinto (1 Co 16.1-4; 2 Co 8.9) são motivadas a seguir o exemplo de Cristo ‘que se fez pobre para enriquecer a muitos’ (2 Co 8.9).⁸⁴ A história também registra que Roma fazia ofertas e oferecia apoio financeiro a outras comunidades. João Crisóstomo dirigiu uma pregação profunda aos cristãos sobre essas e demais passagens paulinas de exortação à prática da caridade:

Assim também nós, refletindo ser preciso dar ou servir aos outros que dão, não descuidemos nem nos acovardemos, se nossos bens ficarem diminuídos. [...] Portanto não sejamos negligentes nesta obra, pois somos, não nós mesmos, de proveito aos pobres, mas nós é que recebemos deles e lucramos no mais alto grau; mais recebemos do que damos. [...] Comum a todos é o raio de sol, comum as chuvas e os frutos oferecidos pela terra, a provarem seu amor pelos homens. Faze tu também o mesmo, chegando o tempo da misericórdia e da bondade: socorre a penúria, mata a fome, afasta as tribulações, sem curiosidades indiscretas, porque se realmente quisermos esmuiçar as vidas dos outros, nunca teremos misericórdia de ninguém.⁸⁵

Esse apoio financeiro não era restrito às comunidades compostas pelas pessoas batizadas, mas também outras pessoas recebiam apoio. O bispo Cipriano e Dionísio de Alexandria não pediam pela pertença religiosa para socorrer as pessoas.⁸⁶ Basílio de Cesaréia (falecido em 379 d. C.) tornou-se o ‘bispo social’, cujos trabalhos não se restringiram a Cesaréia, mas aos arredores incentivou paróquias para uma responsabilidade social, corrigia os abusos dos padres,

⁸³ LENKE, Angela. **Diaconia em Lutero**: A Justificação por Graça e Fé em Lutero. 2005. Trabalho Semestral (Bacharelado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005. p. 26s.

⁸⁴ GEORG, 1999, p. 26.

⁸⁵ FIGUEIREDO, 1986, p. 75-77, 79.

⁸⁶ GAEDE NETO, 2015, p. 329.

concentrou-se na organização do culto, defendia a criação de casas decentes para acolher e proteger as pessoas. Criou um albergue, um lar para idosos, um hospital, alojamentos para empregados e operários. Envolvendo as pessoas no trabalho e corresponsabilizando, escreve a Elias, governador da Capadócia: 'Para manter tais estabelecimentos é indispensável a colaboração prestada pelos diversos ofícios, pelos que são necessários à vida, e pelos que foram inventados para torná-la mais decente'.⁸⁷ Esses escritos provam como era a responsabilidade social da igreja primitiva.

Outra práxis social ou diaconia dos cristãos era **sepultar os mortos**. No Egito Antigo sepultar os mortos era uma das sete obras de misericórdia. No tempo de Jesus era castigo ao morto ou aos familiares deixá-lo sem sepultamento, prática usada pelos pagãos em tempos de perseguições. Desse modo, os cristãos iniciam algo novo que impressiona também aos não cristãos: o respeito e a consideração à pessoa falecida significa que cada pessoa é criação de Deus. Provavelmente pelo fato de Jesus ter sido sepultado na terra, os cristãos e as cristãs aderiram a esse modelo de sepultamento. Não aceitavam a cremação. Era tarefa dos diáconos providenciar os sepultamentos, em especial dos pobres, e percorrer pelas praias a procura de possíveis naufragos para que os animais não devorassem seus corpos.⁸⁸ Além da dignidade à vida como ser criado por Deus, o sepultamento era uma questão de saúde pública. Motivadas pela fé, essa ação foi de grande benefício à sociedade, pois os corpos eram recolhidos e sepultados de modo que as doenças, principais causas de mortes, não contaminassem toda a população.

3.8 Considerações Finais

O conceito de responsabilidade social descrita no início desse capítulo é muito mais fácil de ser compreendido a partir desses exemplos abordados e perceber que a Igreja exerceu e exerce, ainda hoje, uma responsabilidade social. Entretanto, precisa estar aberta ao diálogo com diferentes iniciativas e grupos sociais para que não exerça apenas uma função paliativa, mas contribua na transformação social, sendo que possui um olhar no evangelho e outro na realidade humana.

⁸⁷ HAMMAN, Adalbert. **Os Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 136.

⁸⁸ GEORG, 1999, p. 112-115. GAEDE NETO, 2015, p. 330.

4 DIACONIA E EDIFICAÇÃO DE COMUNIDADE EM CONTEXTO URBANO

4.1 Considerações Iniciais

A práxis social praticada na comunidade primitiva e pelas primeiras pessoas cristãs descrita no capítulo anterior, bem como a prática diaconal da CEJ-UP presente na maior cidade do Estado de Santa Catarina descrita no início desta pesquisa, nos inspira e faz refletir sobre nossa práxis na contemporaneidade, especialmente na cidade. Assim, este capítulo tem o objetivo de examinar e abordar esse tema com o da edificação de comunidade em contexto urbano. Dito isso, é impossível não lembrar uma música sobre o cenário urbano e a fé cristã:

Andando pela cidade, meus irmãos eu procurei. Vi tanta infelicidade nas pessoas que encontrei. Mas o amanhã virá, trazendo um novo sol. A nova luz da esperança nascerá. Tentei estender os braços, minhas mãos tentei abrir, gastei todos os meus passos no esforço de servir. A tarde, caindo lenta, deixa tantos a vagar. À noite, em calçadas sentam criancinhas sem um lar.⁸⁹

4.2 O Contexto Urbano

O último Censo Demográfico ocorrido em 2010 mostrou que a população brasileira era de 190.732.694 pessoas. Apesar do aumento de 20.933.524 pessoas, esse índice representa um crescimento de 12,13% inferior à década anterior (2000). No entanto, antes 81% da população vivia em áreas urbanas e em, 2010, esse índice correspondia a 84% da população brasileira.⁹⁰ A tendência é de que a população urbana continue crescendo. Conforme Oliveira, dados da Organização das Nações Unidas estimava que, até 2030, 83% da população na América Latina seria urbana. No caso do Brasil, já se superou essa expectativa.⁹¹

A urbanização no Brasil começou no início do século XX com o processo da industrialização, quando as pessoas foram deixando o campo em direção à cidade em busca de novas oportunidades. Esse processo de êxodo rural provocou o

⁸⁹ PASTORAL POPULAR LUTERANA. **O Povo Canta**. Cancioneiro II da Pastoral Popular Luterana. Palmitos: PPL, 1994. p. 179.

⁹⁰ IBGE. **Censo 2010**: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=1766&t=censo-2010-populacao-brasil-190-732-694-pessoas&view=noticia>. Acesso em: 09 jul. 2018.

⁹¹ OLIVEIRA, Jorge Dietrich de. **Igreja nos lares**: Ensaio sobre a capilaridade da igreja cristã no contexto urbano. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Cenários Urbanos**: Realidade e Esperança – desafios das cidades às comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014. p. 13.

deslocamento de um modelo agrário-exportador para urbano-industrial. Em 1940 apenas 31% da população era urbana.⁹² Analisando esse tema, Arzemiro Hoffmann afirma:

A sociedade brasileira foi palco de um imenso processo de migração do campo para a cidade. [...] Essa migração afetou profundamente as cidades, as instituições e as pessoas. Resultou na desintegração da família, revolucionou as relações de trabalho, pois, da noite para o dia, jogou uma multidão de camponeses no exército de reserva de mão-de-obra [sic] não qualificada. Desestabilizou os valores e os padrões dos relacionamentos humanos, sociais e espirituais.⁹³

No campo as relações interpessoais eram cultivadas enquanto que no novo modelo as pessoas são anônimas. Buscam na cidade, conforme Comblin, boas escolas, emprego, liberdade, médico, hospital e comércio. Muitos passaram a vida no campo e, quando aposentam, vão para a cidade onde, muitas vezes, os filhos moram.⁹⁴ Além do encantamento pelas suas variedades, eventos, possibilidades e uma atmosfera de estimulação, o autor registra que possa haver outros motivos para o êxodo rural:

A cidade é novidade, diversidade, mobilidade e movimento. Na cidade, há uma infinidade de objetos que se mostram. Uma cidade é uma exposição permanente: o comércio, os supermercados e, sobretudo, os *shopping centers* oferecem brilhantes espetáculos. Mesmo para quem não pode comprar, só olhar já vale a pena. [...] Na cidade sempre acontecem coisas que divertem⁹⁵.

Esse processo de urbanização tem suas mazelas. Grande parte da renda está nas mãos de poucas pessoas em detrimento de uma grande maioria da população vivendo na pobreza. É um grande desafio compreender a cidade, pois requer inserção e leitura da realidade⁹⁶. É importante conhecer a história, a geografia e a arquitetura da cidade, também é salutar ter conhecimentos da política

⁹² GOBBI, Leonardo Delfim. **Urbanização brasileira**. Disponível em: <http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-brasileira.html>. Acesso em: 09 jul. 2018.

⁹³ HOFFMANN, Arzemiro. **A Cidade na Missão de Deus**: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus. Curitiba: Encontro, 2007. p. 11.

⁹⁴ COMBLIN, José. **Viver na Cidade**: Pistas para pastoral urbana. São Paulo: Paulus, 1996. p. 8.

⁹⁵ COMBLIN, 1996, p. 9-10. A ênfase encontra-se no original.

⁹⁶ Para quem deseja se aprofundar nesse tema, o escritor Milton Santos traz toda uma discussão, numa perspectiva da geografia, acerca do urbano, cidade, território, tempo, espaço, desigualdades sociais, entre outros temas relevantes. SANTOS, Milton. **Por uma nova geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

e economia⁹⁷. Compreender a cidade é buscar entender as perspectivas e projeções de futuro, especialmente quando se busca ser uma igreja atuante e preocupada com a cidade e as pessoas que nela vivem. A respeito do viver na cidade, Libânio destaca: “Quando se vive numa cidade, seguem-se suas regras, suas lógicas, seus cânones. Se se desvendam tais lógicas, mais facilmente consegue-se viver nela de maneira consciente e livre”.⁹⁸ O autor compreende a cidade como um jogo que tem suas próprias regras e lógicas que definem o modo de pensar, agir e viver. Ali o espaço cede importância ao interesse, o tempo é acelerado e o pluralismo religioso produz impacto sobre a fé da tradição monolítica que se vê obrigada a reinterpretar-se sem perder sua identidade. A participação e a mobilização, bem como o trabalho e o poder, fazem parte desse jogo. Nesse contexto, a fé cristã continua com sua vocação profética e missionária.⁹⁹ Monteiro vê este mesmo desafio ao afirmar que o processo acelerado de urbanização não foi percebido pela teologia e eclesiologia, sendo hoje o maior desafio.¹⁰⁰

No contexto urbano as pessoas estão, cada vez mais, preocupadas com o *ter* em detrimento do *ser*, cada vez mais alienadas e perdidas com o mundo de ofertas e possibilidades.¹⁰¹ Essa concepção faz parte do processo de secularização e do avanço da tecnologia e da ciência, quando a fé em Deus, para muitos, tornou-se irrelevante, que não tem nada além para oferecer, afinal há muitas opções no mercado¹⁰². Assim, a realidade é de letrados e analfabetos, ricos e pobres correndo contra o tempo, buscando sobrevivência ou lucros, inconscientes do seu estado de escravidão. Paulo Freire, mundialmente conhecido pela pedagogia da autonomia,¹⁰³ fundamenta:

⁹⁷ OLIVEIRA, 2014, p. 15.

⁹⁸ LIBANIO, João Batista. **As Lógicas da Cidade**: O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001. p. 16.

⁹⁹ LIBANIO, 2001, p. 10-11.

¹⁰⁰ MONTEIRO, Marcos. A cidade de Deus na Cidade do Homem: os desafios de uma pastoral urbana. In: ANDRADE, Sérgio Fernando Lomeu de (Coord.). **Espiritualidade, Cidadania e Ética**. Recife: Diaconia, Belo Horizonte: Visão Mundial, 2001. p. 49.

¹⁰¹ OLIVEIRA, 2014, p. 21.

¹⁰² BARRETO, Jonas Mendes. **A Presença Pública da Igreja na Cidade – Análise das Práticas Pastorais da Igreja Metodista em Belo Horizonte (1982-2006) frente aos desafios das transformações socioculturais**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013. p. 53.

¹⁰³ SCORCE, Carol. **Paulo Freire segue como patrono da educação**: Sugestão Legislativa movida pelo Escola Sem Partido foi rejeitada no Senado. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/paulo-freire-segue-como-patrono-da-educacao-brasileira/>. Acesso em: 13 jul. 2018.

Na ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter *mais* e cada vez *mais*, à custa, inclusive, do *ter menos* ou do *nada* ter dos oprimidos. *Ser*, para eles, é *ter* e ter como classe que tem.¹⁰⁴

Arzemiro Hoffmann também escreve sobre as desigualdades sociais:

A criação está sofrendo a opressão da vaidade humana. [...] As políticas do sistema capitalista são insensíveis ao clamor dos famintos da terra. [...] A opressão exercida pelo poder da concentração do capital nutre a indignação profética de nossos dias. [...] Jesus ensina que não é possível ficar passivo diante de tal barbaridade. Por isso, Ele não se limita a lamentar e denunciar o grave pecado social. Sua indignação profética transforma-se em ação: *Então ele entrou no templo e começou a expulsar os que estavam vendendo* (Lc 19.45). [...] A vocação sacerdotal do povo de Deus não é agradar os que governam com a violência e a opressão, mas resistir-lhes por causa do Reino de Deus. Jesus pôde [sic] dizer: “*O meu reino não é deste mundo*” (Jo 18.36), isto é: não é desta natureza. Não está ancorado na lógica da dominação e da violência. Sua lógica é outra: o poder tem a vocação de servir para o bem do outro (Mt 20.25-26).¹⁰⁵

Um grande desafio para as cidades e as igrejas inseridas nesse contexto é cultivar as relações interpessoais. Bauman, analisando as fragilidades das relações humanas, diz que relações superficiais onde não há um comprometimento com o outro são relações onde dificilmente a confiança possa criar raízes. Afirma ainda que os lares na cidade são construídos para proteger seus habitantes e não para interagir. O mesmo ocorre com o mundo virtual¹⁰⁶. Muitas vezes, em vez de promover integração, a tecnologia é um meio para a prática da intolerância e violência.¹⁰⁷ Para Bauman, o amor ao próximo significa respeitar a singularidade de cada pessoa, afinal o valor das diferenças enriquece o mundo. Baseando-se nas palavras de Jesus sobre amar o próximo como a si mesmo, o autor fundamenta que esse amor-próprio é construído a partir do amor que outras pessoas nos dão, ou

¹⁰⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 63. A ênfase é do texto original.

¹⁰⁵ HOFFMANN, 2007, p. 21-22. A ênfase encontra-se no texto original.

¹⁰⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 114-123.

¹⁰⁷ SPAUTZ, Dagmara; GASPERIN, Emerson. **Nazismo em SC**: Investigação aperta cerco a extremistas. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/nos/noticia/2017/12/nazismo-em-sc-investigacao-aperta-cerco-a-extremistas-10057585.html>. Acesso em: 10 jul. 2018. Há inúmeros sites que abordam esse tema da intolerância e violência, como este: GARCIA, Maria Fernanda. **Ódio na rede**: pesquisa revela a intolerância dos brasileiros na internet. Disponível em: <http://observatorio3setor.org.br/carrossel/odio-na-rede-pesquisa-revela-a-intolerancia-dos-brasileiros-na-internet/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

seja, “outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar a nós mesmos”.¹⁰⁸ Portanto, “aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade. [...] É um ato de fé; um ato decisivo, pelo qual o ser humano rompe a couraça dos impulsos, ímpetos e predileções ‘naturais’”.¹⁰⁹ José Comblin registra que, de certo modo, felizes são as pessoas numa sociedade subdesenvolvida porque interagem. “Há mais humanidade numa favela do que nos bairros residenciais perfeitamente integrados na sociedade atual mais avançada”.¹¹⁰ Segundo o autor, as antigas relações humanas estão sendo substituídas por novas técnicas individualizantes que subtraem a dignidade humana.¹¹¹ Por isso, Bauman conclui:

Não é apenas que a vida digna e o respeito à humanidade de cada ser humano se combinem num valor supremo que não pode ser superado ou compensado por nenhum volume ou quantidade de outros valores, mas que *todos os outros valores só são valores na medida em que sirvam à dignidade humana e promovam sua causa*. Todas as coisas valorosas na vida humana nada mais são que diferentes fichas para a aquisição do único valor que torna a vida digna de ser vivida. Aquele que busca a sobrevivência assassinando a humanidade de outros seres humanos sobrevive à morte de sua própria humanidade. A negação da dignidade humana deprecia o valor de qualquer causa que necessite dessa negação para afirmar a si mesma. E o sofrimento de uma única criança deprecia esse valor de forma tão radical e completa quanto o sofrimento de milhões¹¹²

Percebemos no capítulo anterior o quanto as primeiras pessoas cristãs, os pais e as mães da Igreja, conjugaram o amor a Jesus Cristo e o amor ao próximo. Começaram em Jerusalém e foram em direção às grandes cidades anunciando libertação e esperança para milhares de pessoas. Hoffmann sintetiza:

A igreja, naquele tempo, soube fazer uso da visão da dupla cidadania: entendiam-se como cidadãos do Reino de Deus e, ao mesmo tempo, eram cidadãos do mundo como peregrinos ou estrangeiros, mas, simultaneamente, praticavam o mandamento do amor em profundidade. Esse amor ultrapassava a dimensão individual e pessoal. Expressava-se como um modo de vida cidadã que influenciava e transformava eticamente a conduta nos lares, nas profissões e no espaço público.¹¹³

¹⁰⁸ BAUMAN, 2004, p. 102.

¹⁰⁹ BAUMAN, p. 100.

¹¹⁰ COMBLIN, José. *Diakonia na cidade*. In: ANDRADE, Sérgio; VON SINER, Rudolf (Orgs.). **Diakonia no Contexto Nordestino**: desafios – reflexões – práxis. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 80.

¹¹¹ COMBLIN, 2003, p. 81.

¹¹² BAUMAN, p. 104-105. Ênfase é do autor no texto original.

¹¹³ HOFFMANN, 2007, p. 68.

A cidade não é só desgraça como muitos pensam. É necessário superar o pensamento dialético de profano e sagrado. A cidade é de Deus e Deus é da cidade, conforme Monteiro¹¹⁴. “A cidade foi a primeira imagem histórica para *reino*. Os primeiros reinos eram do tamanho de uma cidade”.¹¹⁵ A cidade é lugar de oportunidades, de encontro, de criatividade, de culto, de misericórdia e compaixão. Igualmente, segundo Hoffmann, a cidade é vocacionada por Deus para ser espaço que favorece a misericórdia e o amparo à vida. Além do mais, “o poder de Deus não se limita a transformar a vida das pessoas, Ele quer redimir as consequências sociais afetadas pelo pecado”.¹¹⁶ E Deus continua chamando as pessoas para transformar a vida na cidade, com compaixão.

O verdadeiro sentido da compaixão é estar com o coração ungido pelo amor. É o Espírito Santo que pode fazer isso conforme Rm 5.5 *‘E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu’*. [...] Se nada na cidade me comove; se nenhuma injustiça me causa indignação; se nenhuma violência me machuca; se nenhuma perversão me degrada; se nenhuma corrupção agride meu senso de justiça; se nenhuma dor me leva às lágrimas... Então, eu nada tenho a fazer, não tenho chamado de Deus para a missão urbana.¹¹⁷

4.3 Diaconia e Edificação de Comunidade

Em seu livro *Saber Cuidar* Leonardo Boff traz vários elementos de como vivem as pessoas na modernidade. Há um grande descuido, descaso e abandono do ser humano consigo mesmo e com as outras pessoas, com setores públicos e privados, com o espiritual, com a sociabilidade. O autor constata que o ser humano moderno entrou num processo acelerado de secularização no qual não precisa de Deus para legitimar e justificar os pactos sociais, sendo que a religião tenta ser fonte de sentido transcendente à sociedade. E esse modo de viver traz ameaças à vida como um todo. Ele pergunta: será que a religião pode ajudar? A prática piedosa pode ajudar? Em sua opinião, pode ajudar, no entanto não a religião, mas a espiritualidade que liga e interliga o todo num novo modo de ser. Essa espiritualidade é holística, que vê ser humano e cosmos de forma integral e interdependente, que ele denomina como novo modo de ser: modo de ser

¹¹⁴ MONTEIRO, 2001, p. 54.

¹¹⁵ MONTEIRO, 2001, p. 60.

¹¹⁶ HOFFMANN, 2007, p. 51.

¹¹⁷ HOFFMANN, 2007, p. 87. A ênfase é do autor no texto original.

cuidado.¹¹⁸ As concretizações do cuidado se dão através do cuidado com o nosso único planeta, com o próprio nicho ecológico, com a sociedade sustentável, cuidado com as pessoas, cuidado com as pessoas excluídas e empobrecidas, cuidado com o corpo na saúde e na doença, cuidado com a cura integral do ser humano, cuidado com a nossa alma e nosso espírito e, finalmente, com a grande travessia – a morte.¹¹⁹

O cuidado é atenção, zelo e desvelo, ocupação, preocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo com o outro.¹²⁰ Na comunidade cristã as pessoas buscam cuidado e pratica-se o cuidado. Onde não há cuidado, o ser humano deixa de ser humano, segundo o autor. No ser humano existe algo que as máquinas não oferecem: o afeto, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de sentir-se amado. O mundo e, conseqüentemente a comunidade cristã, é construído a partir de laços afetivos.¹²¹ Semelhantemente a Bauman, Boff afirma que a palavra amor está desgastada e reduzida. Analisando a definição do biólogo Humberto Maturana do amor, afirma que não somos seres sociais sem amor. Os seres interagem não por sobrevivência, mas por puro prazer, no fruir da dinâmica da vida, pois “um acolhe o outro e assim se realiza a co-existência [sic], surge o amor como fenômeno biológico”.¹²² A competição moderna e a violência é antissocial, ou seja, é falta de amor, falta de cuidado. Além do amor como elemento do cuidado, o autor trata da palavra latina *compaixão*, que comumente é citada no meio eclesial. Para ele, a “com-paixão” é a “capacidade de partilhar a paixão do outro e com o outro. Trata-se de sair do seu próprio círculo e entrar na galáxia do outro enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele...”.¹²³

Edificar comunidade cristã em contexto urbano significa resgatar o elemento do cuidado. Por natureza, a comunidade cristã é reflexo do cuidado de Deus e é o reflexo de uma relação de cuidado: o cuidado de Deus com a criação, cuidado com a salvação em Jesus Cristo, o cuidado ao enviar o consolador Espírito Santo que dinamiza e motiva o cuidado mútuo entre as pessoas. O cuidado como descrito

¹¹⁸ BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 18-21.

¹¹⁹ BOFF, 1999, p. 133-154.

¹²⁰ BOFF, 1999, p. 33.

¹²¹ BOFF, 1999, p. 99.

¹²² BOFF, 1999, p. 110.

¹²³ BOFF, 1999, p. 126.

acima é o jeito diaconal de ser igreja, porque diaconia é ação de justiça e misericórdia, concretizada através da assistência, da solidariedade, da parceria, da ação política e outras formas.¹²⁴ “Diaconia significa compartilhar, exercer a função de um membro do corpo (1 Co 12.12ss). Ela reparte dons, forças, tempo, conhecimentos, dinheiro, convicções e fé. Consiste em dar e receber”.¹²⁵ Por isso, Nordstokke, escreve:

Em todas essas inquietações e perguntas encontra-se o desafio da prática da Igreja. Ela não pode ficar alheia aos acontecimentos sociais. Ela precisa ser profética e servir. A Igreja parte da mensagem central do evangelho: a graça é para todas as pessoas. O passo seguinte é como fazer chegar essa mensagem aos grupos humanos. [...] A ação diaconal emerge do amor e se ramifica através de uma caminhada que visa buscar a alegria e o prazer de um viver comunitário, que celebra, que respeita, que acolhe, que dialoga...”¹²⁶

A IECLB buscou, ao longo de sua história, ser uma igreja diaconal e, igualmente, a CEJ-UP busca ser. Encontrou-se um documento antigo que revela a importância desse olhar e iniciativa diaconal numa igreja. No ano de 1967 foi realizada a 1ª Consulta de Diaconia e Ação Social das Igrejas Luteranas que ocorreu em Linha Brasil – Nova Petrópolis/RS¹²⁷. Já naquela época havia uma preocupação das igrejas com várias questões sociais devido ao grande êxodo rural. A cidade atraía por causa da industrialização e expansão do comércio, da modernização da sociedade, sendo foco de transformações políticas e fomento social. Por outro lado, na cidade havia desemprego, falta de moradia, falta de saneamento básico, falta de escolas. Naquele ano no Paraná, por exemplo, 380.000 crianças não frequentavam a escola e 90% das pessoas que chegavam à cidade não tinham formação para ocupar os cargos¹²⁸. No interior, outras questões preocupavam, como a saúde e a formação escolar. Durante o encontro várias reflexões foram feitas por diferentes profissionais, entre eles pastores e médicos.

¹²⁴ IECLB. **Diaconia Evangélica**: Síntese e proposta (Um posicionamento do Conselho Diretor da IECLB). São Leopoldo: Centro de Elaboração de Material (CEM), Sinodal, 1988. p. 5-7.

¹²⁵ IECLB, 1988, p. 2.

¹²⁶ NORDSTOKKE, Kjell (Org.). **Diaconia**: fé em ação. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 16.

¹²⁷ Essa consulta aconteceu nos dias 26-29 de abril daquele ano e foi organizado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil tendo uma participação pública de 153 pessoas.

¹²⁸ SERVIÇO DE PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO DA IECLB. **1ª Consulta de Diaconia e Ação Social das Igrejas Luteranas**. Porto Alegre: IECLB, 1967. p. 32-33.

Vendo a necessidade de ser igreja diaconal, o então pastor presidente da IECLB, Dr. Ernesto T. Schlieper destaca: “A Diaconia, a Ação Social, é o serviço pelo qual a Igreja procura obedecer ao chamado do Senhor. A Igreja é chamada a servir, assumindo a sua responsabilidade pelo homem, pelo homem em tôdas [sic] as relações de sua existência humana”.¹²⁹ Neste documento é possível perceber que ambas as igrejas trataram com seriedade e discutiram profundamente suas ações numa sociedade que estava em transformação, a ponto de fazerem várias propostas que não podemos aprofundar aqui nesta pesquisa. No entanto, de lá para cá, o crescimento urbano continuou. Atualmente, a maioria da população mora em contexto urbano e as demandas sociais aumentaram. O sofrimento humano tem várias faces nesse contexto, por isso não é possível ser outra igreja a não ser aquela que oferece cuidado, consolo e orientação a exemplo de Jesus Cristo e que procura minimizar o sofrimento humano, resgatando o direito e a dignidade da vida.

Analisando documentos da IECLB, Gisela Beulke escreve que cada momento da história e diferentes experiências marcam a missão da igreja. No *Manifesto de Curitiba*, documento do VII Concílio Geral, Beulke sintetiza que a igreja assume de que o anúncio da Palavra de Deus precisa levar em consideração o público, suas necessidades e particularidades, que as pessoas cristãs são cidadãos deste mundo e, assim, não é possível separar totalmente responsabilidades do Estado e da Igreja. À Igreja cabe o papel crítico e profético num contexto de sofrimento e coopera para sempre agir de forma justa e misericordiosa. Beulke, em sua pesquisa, percebe que a IECLB reconhece que a ação de Deus ultrapassa as dimensões da comunidade. Um exemplo de edificação de comunidade ao longo dos anos foi a acolhida a migrantes¹³⁰. Fato é que uma comunidade que não se empenha na edificação, que não faz uma leitura contextual e percebe quem são e como são as pessoas dificilmente crescerá ou será importante à realidade das pessoas.

Ebeling, a partir da prática pastoral em contexto urbano já percebeu o quanto a ação diaconal é importante na edificação de comunidade. Enfatiza: “Temos, na ação pastoral, uma multiplicidade de ofertas e espaços de trabalho, envolvimento e testemunho. Mas nenhuma delas divulga tanto o nome e o jeito da

¹²⁹ SERVIÇO DE PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO DA IECLB, 1967, p. 3.

¹³⁰ BEULKE, Gisela. **Diaconia em Situação de Fronteira**: Um exemplo chamado Balsas. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2001. p. 78-84.

igreja luterana como a ação diaconal e a disposição em servir na igreja”.¹³¹ Essa visão e ação diaconal é importante quando se trata de missão urbana, porque ela

[...] precisa ter olhos para ver o poder do sistema econômico, que aliena e escraviza o ser humano, que na busca pelo prazer, se deixa anestesiado pela sociedade de consumo ao invés de manter o senso crítico e lutar pela transformação da realidade. O resultado disso é um povo incapaz de organizar-se para reagir, questionar, reivindicar seus direitos. [...] Por isso a missão na cidade precisa perceber a realidade que nos cerca: pessoas que vivem no completo abandono, muitas vezes se matando por comida nos lixões das grandes cidades. Milhares de pessoas sem acesso a saneamento básico, vivendo em meio ao esgoto aberto, expondo-se a todo tipo de infecções e doenças, sem o mínimo para ter dignidade humana. [...] faz-se necessário o resgate da solidariedade e da fraternidade.¹³²

Solidariedade e fraternidade são características dessa igreja diaconal e elementos importantes na edificação de comunidade em contexto urbano. Ainda mais importantes quando levamos em consideração o pluralismo religioso. Cada igreja busca trazer para si as ovelhas da cidade e para isso vale tudo. Nesse cenário, resgatamos os passos do caminho franciscano para o diálogo e a paz¹³³ que tem tudo a ver com diaconia e missão:

Primeiro: tomar a iniciativa e não esperar que os outros venham a nós. Segundo: confiar nos outros porque são nossos irmãos. Terceiro: conviver com os outros no trabalho e na inserção em seu mundo. Quarto: colocar-se como menores e servidores e renunciar a qualquer pretensão de superioridade ou privilégio pelo fato de sermos cristãos. Quinto: antes de compreender que ser compreendido, amar que ser amado, e fazendo-se sempre instrumento de paz. Sexto: inserir tudo numa atmosfera espiritual de oração. Antes de ir encontrar-se com o sultão, Francisco, segundo as fontes, ‘rezou para pedir coragem e confiança’. Ao despedir-se do sultão, este pede a Francisco: ‘Reze por mim, para que Deus me dê a fé e a lei que lhe sejam agradáveis’. Sétimo: sempre ligar a paz dos homens com a paz de Deus, para que a paz seja duradoura e completa.¹³⁴

Às comunidades cristãs há inúmeras oportunidades de mostrarem seu potencial e anunciarem a melhor notícia do mundo: a salvação em Jesus Cristo. Esse anúncio acontece em palavras e em ações, buscando manter as portas abertas para que todas as pessoas sintam que ali encontraram Deus, que ali sentem paz e,

¹³¹ EBELING, Marcos Jair. **A Ação Diaconal como Proposta de Pastoral Urbana**. 2006. Especialização (Monografia de Conclusão de Curso de Especialização em Ética, Cidadania e Subjetividade). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006. p. 15.

¹³² OLIVEIRA, 2014, p. 21-22.

¹³³ Que seria o caminho do Ocidente e a paz inter-religiosa.

¹³⁴ BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 52-53.

através do anúncio do evangelho e da comunhão comunitária, encontrem uma motivação para transformar o mundo. Isso é ser uma igreja que serve. A respeito dessa igreja servidora, C. René Padilha escreve:

Com demasiada frequência, ela [a igreja] tem sido a principal culpada das pessoas terem dado as costas a Deus, considerando que a fé cristã não tem nada a oferecer. Tudo isso é certo. Também é certo que, quando a igreja se abre aos marginalizados e aos pobres, Deus a surpreende, fazendo dela um bom samaritano que responde às necessidades do próximo com os recursos do reino de Deus: a fé, a esperança e o amor.¹³⁵

Por isso, Ebeling chega à conclusão:

Creemos que diaconia sem a participação ativa da comunidade confessional, quem em última instância a desenvolve, não é diaconia. Esta discussão se faz importante. Mas não tira o mérito do trabalho desenvolvido como vitrine e divulgação do nome da igreja no contexto urbano. Além disso, assinala o comprometimento da igreja com o contexto vivencial das pessoas. Evangelho e vida não são separados. Creio que aqui a motivação deva ser: não vamos diminuir a inserção social diaconal, mas ampliá-la.¹³⁶

4.3.1 Formação, Voluntariado e Ecumenismo

Uma das grandes questões de como edificar igreja em contexto urbano na atualidade é, sem dúvida, o exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Quebrando a hierarquia eclesial, na concepção de Lutero a partir do batismo a pessoa é colocada a serviço da igreja e do mundo, isso significa que a responsabilidade pela missão e direção da igreja é de todas as pessoas. Os carismas estão a serviço da comunidade e, por sua vez, do mundo¹³⁷. Visto dessa forma, diaconia é a prática do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, pois uma igreja diaconal, conforme vimos na citação de Nordstokke, concretiza-se na partilha dos carismas e dons dados pelo Espírito Santo no batismo. A ênfase no sacerdócio geral tem sido muito discutida na *missão integral*. Missão e diaconia são coisas distintas, mas andam juntas e ambas são dimensões da igreja de Cristo. A comunidade cristã não pode deixar de praticar nenhuma delas, pois corre o risco de ficar apenas na proclamação ou apenas na ação. O seu chamado à missão “Assim

¹³⁵ PADILHA, C. René. Ilustrações de uma igreja serva. In: PADILHA, C. René; COUTO, Péricles (Org.). **Igreja**: agente de transformação. Curitiba: Missão Aliança, 2011. p. 234.

¹³⁶ EBELING, 2006, p.16.

¹³⁷ ROLDÁN, Alberto Fernando. O sacerdócio de todos os crentes e a missão integral. In: PADILHA, René C., COUTO, Péricles (Org.). **Igreja**: agente de transformação. Trad. Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba: Missão Aliança, 2011. p. 114-117.

como o *Pai me enviou, eu também vos envio*” (João 20.21) é também um chamado à prática diaconal “*Como eu vos fiz, façais vós também*” (João 13.15).¹³⁸ Gameleira Soares afirma que o Jesus Servo é contemplado como princípio e paradigma de toda a missão do discipulado (Marcos 10. 35-45; Lucas 22. 26s; João 12.25s; Marcos 9.33-37). Em sua opinião, o discipulado tem no serviço a sua identidade: “Não é que se é discípulo (a) e, por consequência [sic], se exerce o serviço. Não. É-se discípulo na medida em que se é servidor”.¹³⁹ E refletindo dessa forma sobre missão é importante registrar aqui o que se entende sobre *missão integral* e sua relação com o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. Roldán afirma:

Igreja integral para missão integral é uma igreja que exerce a autoridade não em termos de hierarquia, superioridade ou domínio, mas em termos de serviço [diaconia], tal como foi exemplificado na vida de Jesus de Nazaré. Tal igreja vive a liberdade em amor e exerce a totalidade dos carismas do Espírito nas esferas ministeriais correspondentes; uma igreja que se volta ao mundo porque considera que sua missão não é outra que amar o mundo como Deus amou em Jesus Cristo; uma igreja que reconhece a vigência da totalidade dos carismas do Espírito, os quais habilitam os membros do corpo a desenvolver uma ação missionária diversificada e integral; uma igreja que tem como objetivo não a proclamação de si mesma, mas a proclamação do reino de Deus e sua justiça em todas as esferas da vida espiritual, pessoal, familiar, social e política. Entretanto, para que tudo isso se concretize, a igreja precisa pôr em prática o sacerdócio universal de todos os crentes [...]. É essencial que a igreja seja, sobretudo, uma comunidade de amor e de serviço como seguidora fiel e rigorosa de Jesus de Nazaré e sua *práxis* libertadora e restauradora.¹⁴⁰

O voluntariado pode ser compreendido como o exercício do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes dentro e fora da comunidade religiosa. Márcia Paixão, referindo-se ao documento *Diaconia Evangélica* da IECLB, afirma:

A ação, portanto, refere-se à prática concreta no contexto religioso e para dentro da sociedade civil. Pode-se dizer que cognitivamente a Igreja entendeu que a fé acontece através de palavras e atos, mas no cotidiano das práticas voluntárias este entendimento ainda não tomou a dimensão consciente no sentido de ação política. O encontrar-se para ajudar a si [...] [mesmos] ocupa o lugar central, e dessa forma, a solidariedade é substituída pelo egocentrismo, manifestado no prazer de estar no grupo.¹⁴¹

¹³⁸ NORDSTOKKE, 1996, p. 37-38.

¹³⁹ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e Profecia. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 39, n. 3, p. 207-230, dez. 1999. p. 209. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/723/658. Acesso em: 19 jul. 2018.

¹⁴⁰ ROLDÁN, 2011, p. 134.

¹⁴¹ PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. A Ação Voluntária e Identidade – O caso das mulheres luteranas. In: SILVA, Jaqueline Oliveira, *et al.*. SILVA, Jacqueline Oliveira (Org.). **Novo Voluntariado Social** –

Dessa forma a formação do voluntariado é um elemento importante. Desde os primórdios do cristianismo, pessoas cristãs precisaram ser instruídas. Assim surgiu a Didaqué no segundo século do cristianismo. Ensinar a comunidade como deveria viver: liturgia, orações, sacramentos e diretrizes. E, assim, foi ao longo da história: comunidades precisaram e precisam de formação e orientação. A diaconia, como parte fundamental da igreja, também necessita ser apresentada e refletida. Da formação faz parte a reflexão crítica sobre a atuação da igreja. Geralmente, as ações envolvem um grupo de voluntários. Márcia Paixão ressalta:

Sem dúvida, faz-se necessário que um grupo tenha identidade e objetivos comuns, que tenham semelhanças, que tenham prazer e satisfação. Mas no contexto da ação voluntária e de sua efetiva contribuição para a construção de uma sociedade justa e cidadã, cabe rever o caráter individualista do grupo e vislumbrar uma ética que se desdobre numa relação de autodeterminação [...].¹⁴²

Assim, considera-se importante a formação contínua com as voluntárias e os voluntários dos diferentes trabalhos na CEJ-UP para a construção de uma consciência coletiva da necessidade de transformação dos cenários urbanos¹⁴³, mas também a formação nos diferentes grupos nas paróquias para uma conscientização da responsabilidade cristã mútua, ou seja, o exercício do sacerdócio geral das pessoas crentes.

Outro elemento imprescindível na práxis social da igreja e edificação de comunidade em contexto urbano é o ecumenismo. Diferentes igrejas podem reunir-se em torno de uma causa. Aliás, não é raro encontrar pessoas de diferentes igrejas e credos reunirem-se em torno de uma situação, por exemplo, catástrofes e emergências. Quando alguém pede socorro, como uma mãe com criança desacordada no colo, não se pergunta primeiro se ela é da mesma confissão religiosa ou não. A diaconia ou a práxis social da igreja lida com as questões inerentes à vida humana. Nordstokke lembra que a diaconia ecumênica foi visível na ajuda prestada a Europa após a Segunda Guerra Mundial quando pessoas e igrejas de todo mundo enviaram ofertas e outras formas de ajuda para organizações na

teoria e ação. Porto Alegre: Dacasa, 2004. p. 103.

¹⁴² PAIXÃO, 2004, p. 102.

¹⁴³ Como vimos na primeira parte desta pesquisa, a formação na CEJ-UP contempla as áreas de atuação: visitação comunitária, assistência espiritual hospitalar, assistência social, dependência química, pessoa com deficiência, crianças, direitos, saúde e temas específicos.

assistência às pessoas em situação de emergência como, também, uma diaconia profética para fomentar a paz e a reconciliação para que o ódio e a sede de vingança não reinassem. O autor defende a diaconia como força e potencial do ecumenismo. Enquanto várias igrejas se envolveram em experiências ecumênicas a favor da vida, dignidade e liberdade¹⁴⁴, o autor constata:

Ao mesmo tempo, dever-se ia admitir que a práxis diaconal também revelou a deficiência do ecumenismo e a capacidade limitada das igrejas para serem instrumentos de paz e justiça no mundo. Demasiadas vezes o compromisso com o serviço ficou restrito ao discurso! Neste sentido, a diaconia ecumênica afirma a natureza ambígua da igreja, de ser tanto santa, como instrumento da ação gratuita de Deus, quanto pecadora, compartilhando o modelo corrupto de ação no mundo caído.¹⁴⁵

A visão do autor brota de uma vida de experiência e constatação da importância e força da diaconia mundo afora. Assim, finaliza seu texto trazendo posições do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) sobre um dos cinco programas, Diaconia e Solidariedade, que aqui não podemos aprofundar.¹⁴⁶ Ainda hoje, doze anos depois, a diaconia continua como uma das três áreas de atuação do CMI:

Serviço cristão – *diakonia* - consiste em viver os valores do evangelho em solidariedade com os outros. Este ministério comum é manifesto no apelo a um futuro sustentável, transformando o impacto das mudanças climáticas, em uma economia que oferece vida para todos, assegurando direito à água, capacitação das mulheres e levantamento da juventude. Também pode ser visto no avanço da paz através da justiça social, capacitação para o serviço, no ministério de cura das igrejas hoje e o trabalho sobre HIV e AIDS.¹⁴⁷

Hoch, escrevendo sobre a diaconia na IECLB, enfatiza: “Precisamos continuar cultivando e aprofundando cada vez mais o *caráter ecumênico* de nossa atuação diaconal”¹⁴⁸. A diaconia coordenada pela CEJ-UP tem essa visão ecumênica: de fé, comunhão e serviço. Nesse contexto, falamos de pessoas

¹⁴⁴ NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia – uma perspectiva ecumênica e global. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 45, n. 1, p. 5-20, 2005. p. 6.

¹⁴⁵ NORDSTOKKE, 2005, p. 7.

¹⁴⁶ NORDSTOKKE, 2005, p. 19.

¹⁴⁷ “Christian service – *diakonia* – consists in living gospel values in solidarity with others. This common ministry is manifest in the call for a sustainable future, turning back the impact of climate change, in an economy that offers life for all, securing water rights, in the empowering of women and lifting up of youth. It may also be seen in advancing peace through social justice, capacity building for service, the healing ministry of the churches today and HIV and AIDS work.” WCC. **Public Witness and Diakonia**. Disponível em: <http://www.oikoumene.org/en/what-we-do/public-witness>. Acesso em: 22 jan. 2018. (Tradução nossa).

¹⁴⁸ HOCH, Lothar Carlos. **A Diaconia na IECLB: O despertar da Igreja para um ministério esquecido**. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 45, n. 1, p. 21-31, 2005. p.31. Ênfase do autor no texto original.

identificadas com a fé cristã, portanto, a espiritualidade está incluída nas ações. Retiros, encontros, meditações, cultos de diaconia com diferentes temáticas diaconais são importantes para o sustento da fé e para o fortalecimento de vínculos. Esses vínculos ultrapassam a questão da religião, porque o que está em jogo é a necessidade de alguém ou uma situação de sofrimento. Assim Márcia Paixão escreve em sua pesquisa:

A realidade social com a qual as voluntárias se deparam no contexto contemporâneo é marcada pelas diferenças sociais e econômicas. Reunir-se como grupo de assistência social significa mais do que ocupar o tempo, mais do que satisfação pessoal a partir das semelhanças proporcionadas no âmbito do grupo. Significa investir em ações de misericórdia e justiça, onde a ação no âmbito do mundo (Arendt, 2001) construa uma sociedade igualitária para todas as pessoas.¹⁴⁹

Na práxis social e na edificação de comunidade em que pessoas atuam em causas conjuntas, grupos formados ou pessoas que se encontram repetidamente, necessariamente precisam conviver, aprender a repartir, a ajudar-se mutuamente, a ouvir, a confiar e amar. O *amor ao próximo* também significa amar quem convive e serve comigo. Segundo Tillich, a primeira tarefa do amor é ouvir. As pessoas querem que ouçamos e entendamos suas necessidades e reivindicações¹⁵⁰, isso inclui também as pessoas que são parceiras na práxis social, afinal “Nenhuma relação humana, especialmente a íntima, é possível sem relação mútua”¹⁵¹. Dito isso, entramos no próximo tópico.

4.3.2 Parcerias entre Igreja e Poder Público na Transformação Social

Gameleira Soares nomeia diaconia social e política a inserção da comunidade cristã na sociedade, especialmente quando desenvolve ações que o poder público não consegue atender e, no entanto, a igreja não está se desviando do seu objetivo principal que é a evangelização, pelo contrário, a igreja é chamada a atuar nos diferentes contextos como exercício de sua fé em Jesus Cristo que é seu paradigma.¹⁵²

¹⁴⁹ PAIXÃO, 2004, p.101.

¹⁵⁰ TILLICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004. p. 80.

¹⁵¹ TILLICH, 2004, p.80.

¹⁵² SOARES, 1999, p. 215-216.

Ebeling, semelhantemente, defende a igreja como agente de transformação junto aos órgãos públicos:

A comunidade não é sozinha no mundo. Ela está inserida em um contexto maior. Neste contexto é convidada ao testemunho cristão. [...] Por isso cremos ser importante a igreja participar e fomentar a criação de grupos organizados na sociedade. Estes também são braço que testemunha o Evangelho, promove a dignidade e vida humana. Cremos que aqui a ideia seja a de que a igreja tem um importante papel quando falamos em dignificar e humanizar e espaço e vida no contexto urbano, em particular.¹⁵³

Na Confissão de Augsburgo, artigos 16 e 20, que trata da relação entre fé e ordem política e estado civil e as boas obras, a igreja protestante ou luterana compreende que toda autoridade foi criada e instituída por Deus para servir a Ele e ao bem das pessoas. Alerta que não é preciso parar de fazer boas obras, mas que elas não sejam um referencial para salvação.¹⁵⁴ O próprio reformador, Martim Lutero, envolveu-se em causas políticas, especialmente, frente à opressão sobre o povo, além de uma forte atuação na área da educação, cidadania e cultura. Maria Helena Ost escreve:

Lutero incentivou os cristãos e a Igreja a participarem ativamente em assuntos econômicos e políticos por amor ao próximo. Ele queria, acima de tudo, que os cristãos se tornassem ativos e críticos de suas sociedades. Na sua exposição da narrativa da paixão, Lutero escreve que diante dos 'grandes' e da nobreza, o cristão não deve silenciar acerca da verdade, mas exortá-los e criticá-los quando cometem injustiça.¹⁵⁵

Outro documento importante para análise e estabelecimento de uma relação entre fé cristã e política é a *doutrina dos Dois Reinos* de Martim Lutero. Stumme analisa o escrito lançando importantes teses para o atual contexto e finaliza:

O desafio ao cristão orientado pela "dupla ação de um Deus" é eliminar os falsos dualismos (entre a alma e o corpo, o espiritual e o secular, a religião e a política, etc.) e viver como homem íntegro em todas as dimensões da vida com e para os demais em uma história no serviço ao único Deus que está presente para nós no Espírito Santo como Criador e Salvador, é proclamar a salvação em Jesus Cristo a todo o mundo e atuar com Deus em busca de

¹⁵³ EBELING, 2006, p.26.

¹⁵⁴ PORTAL LUTERANOS. **A Confissão de Augsburgo**: Com notas e comentários. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/textos/a-confissao-de-augsburgo>. Acesso em: 19 jul. 2018.

¹⁵⁵ OST, Maria Helena. **Fé e Obras em Lutero**: Uma Contribuição para a Fundamentação Teológica da Diaconia. 1999. Semestral (Bacharelado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999. p. 19.

mais justiça, começando com as exigências dos pobres, até que venha a justiça plena do reino de Deus.¹⁵⁶

Kunert registra que por razões históricas, como o não reconhecimento da igreja no passado, a IECLB foi conduzida e se conduziu a um enclausuramento e não envolvimento na vida pública de modo que é necessário tratar dessas dores do passado e assumir uma maior participação político-social.¹⁵⁷ A igreja enclausurada provoca a separação das dimensões humanas além de fortalecer o individualismo presente na contemporaneidade como afirma Galli Filho:

Em tempos atuais o distanciamento da teologia pública e a aproximação da teologia da prosperidade tem gerado no seio da sociedade o crescente individualismo, o capitalismo tem influenciado os moldes da igreja. Não é exagero afirmar que o traço mais profundo da pobreza na sociedade e política de um povo seja a falta de organização da sociedade civil, sobretudo frente ao Estado e às oligarquias econômicas. Uma sociedade tomada por interesses individuais e desorganizada não chega a constituir-se como povo consciente e capaz de conquistar espaço próprio de auto sustentação [sic] na história, ao contrário, caracteriza-se como massa de manobra. [...] A interpretação e releitura da bíblia nos tempos atuais desafia a sociedade cristã para uma nova forma de ler a política, economia e a vida cristã. Há muito que ser observado como sociedade organizada, muito que desenvolver na mentalidade social da comunidade cristã.¹⁵⁸

A teologia pública tem buscado se ocupar com o tema do setor público democrático em debates, pesquisas e publicações que contemplam inúmeras áreas de interesse da igreja cristã como a justiça social, questões de bioética, a legitimidade da energia nuclear bem como a legitimidade da violência militar.¹⁵⁹ A tarefa da teologia pública, segundo Koopman, é dialogar com a economia, a política e a sociedade civil.¹⁶⁰ Ela legitima e, ao mesmo tempo, engloba toda teologia que

¹⁵⁶ STUMM, John R. Algumas teses sobre os Dois Reinos. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 23, n. 3, p. 249-264, 1983. p. 264. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1302/1254. Acesso em: 19 jul. 2018.

¹⁵⁷ KUNERT, Augusto E. Aspectos da relação IECLB e Estado em uma compreensão histórica e teológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 22, n. 3, p. 215-242, 1982. p. 215-217. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1319/1270. Acesso em: 19 jul. 2018.

¹⁵⁸ GALLI FILHO, Victório. **Diaconia**: princípios na vida cristã pessoal e pública. 2016. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2016. p. 51. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/654/1/filho_vg_tmp447.pdf. Acesso em: 19 jul. 2018.

¹⁵⁹ GALLI FILHO, 2016, p. 50.

¹⁶⁰ KOOPMAN, Nico. Apontamentos sobre teologia pública. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 22, p. 38-49, 2010. p. 46-48. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/29/67>. Acesso em: 19 jul. 2018.

defende a dignidade e a justiça que se encontrem ameaçadas. Assim, o autor defende:

A teologia pública deve ser diferenciada das teologias da libertação, política, negra, feminista, africana e de outras teologias particularistas. A semelhança entre a teologia pública e essas teologias está em que todas elas esforçam-se por realizar um impacto redentor e transformador na sociedade. Nesse sentido, todas elas são teologias públicas.¹⁶¹

Nordstokke percebe que há boas parcerias entre Igreja e Estado através da ação diaconal e esta parceria não prevê a omissão do Estado no que tange a sua responsabilidade. Para que essa parceria funcione também é importante a interdisciplinaridade nos diferentes seguimentos de ação e intervenção.¹⁶² Comblin compreende que serviços públicos precisam ser criados, melhorados ou ampliados e é nesse espaço público que as pessoas cristãs poderão exercer o testemunho cristão através de suas atitudes. Ainda afirma que grande parte das instituições fundadas pelas igrejas se desviou do caráter inicial para atender as classes dominantes da sociedade.¹⁶³ Por outro lado, é cada vez mais urgente e ético que igrejas e Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OCIPs) busquem uma transparência na prestação de contas e mobilização de recursos para sua sustentabilidade, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade, sem esquecer seus valores e sua missão.¹⁶⁴

4.3.3 O Culto e as Suas Dimensões Sociais

De acordo com Sissi Georg, o culto na Igreja Antiga era compreendido e celebrado com o cotidiano. Os espaços de culto eram as casas, onde o culto fazia parte e englobava a vida cotidiana: nascimento de filhos, casamento, morte, doença, relacionamento da família, fartura e carência. Desde cedo, as pessoas cristãs procuraram praticar a partilha e a hospitalidade, portanto, exclui a ideia de que o espaço limitava o encontro de culto. Além da partilha e convivência, as pessoas

¹⁶¹ KOOPMAN, 2010, p. 41.

¹⁶² NORDSTOKKE, 1995, p. 74.

¹⁶³ COMBLIN, 2003, p. 83.

¹⁶⁴ PEREIRA, Mércia de Lima, ALBUQUERQUE, Lúcia Silva; *et al.* Características de mobilização de Recursos: Um Estudo nas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) do Brasil. **REUNIR**: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade, Campina Grande, v. 5, n. 3, p. 112-131, 2015. p. 128. Disponível em: <http://reunir.revistas.ufcg.edu.br/index.php/uacc/article/view/357/pdf>. Acesso em: 14 fev. 2019.

cristãos compreendiam que primeiro Deus havia lhes servido: Jesus era a dádiva maior de sua diaconia. Os cristãos são hóspedes no culto e Deus é o hospedeiro. O Espírito Santo é quem anima e capacita para o *servir uns aos outros em amor*.¹⁶⁵ A Eucaristia que, originalmente era acompanhada da ágape – refeição comunitária¹⁶⁶ - revela o ato primeiro de Deus em sacrificar seu único Filho por amor de seu povo. Ela exerce a função social onde todas as pessoas se percebem iguais diante de Deus e exerce uma função escatológica da volta de Cristo. Para Georg, a eucaristia na Igreja Antiga era parte de todo culto. Ela era essencial e virou exceção. No entanto, ela tem o caráter e chamado diaconal do pedido de Jesus *amem uns aos outros como eu vos amei* (João 13.34) e não bastará que ela seja individual, penitencial e alheia aos outros.¹⁶⁷

Junto com os alimentos e outros bens trazidos para serem compartilhados no culto, deu-se origem ao ofertório.¹⁶⁸ Ainda hoje as ofertas tem o sentido de entregar para Deus um pouco do muito que Ele tem nos dado. Nos cultos em Joinville, alimentos, ofertas e outros “bens” são trazidos ao altar ou deixados na secretaria ou ainda levados ao grupo que organiza o trabalho diaconal. Essa ação tem uma dimensão espiritual e social, pois essa oferta é destinada para pessoas em necessidades, grupos de trabalho, instituições sociais, missão em novas áreas, socorro para emergências. Georg escreve que a atitude de ofertar era esperada de qualquer pessoa batizada na Igreja Antiga, pois a dimensão de servir pertencia a toda pessoa batizada, ligada e inserida no corpo de Cristo – a Igreja.¹⁶⁹ Outro elemento ligado à eucaristia é o *gesto da paz*. As bases bíblicas apontam que era ele altamente recomendado e tornou-se prática comum entre as pessoas cristãs (Rm 16.16; 1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Ts 5.26; 1 Pe 5.14). Em sua origem apresentava-se como *ósculo santo* (beijo), como, aliás, ainda é costume entre povos do oriente. Ele possui diferentes sentidos, entre os quais se destaca o amor, a unidade e a

¹⁶⁵ GEORG, Sissi. **Diaconia e Culto Cristão**: resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristãs. 2003. Tese (Doutorado em Teologia). – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2003. p. 109-110.

¹⁶⁶ KIRST, Nelson. **Nossa liturgia**: das origens até hoje. v. 1. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 23.

¹⁶⁷ GEORG, 2003, p. 111-112.

¹⁶⁸ GEORG, 2003, p. 116.

¹⁶⁹ GEORG, 2003, p. 118.

reconciliação.¹⁷⁰ Dessa forma, a pessoa demonstra “estar disposta a concretizar a ‘diaconia da reconciliação’, reconciliando-se com as demais. A reconciliação rompe as barreiras que ameaçam a unidade em Cristo e que excluem pessoas. A força para esse gesto vem de Deus”.¹⁷¹

Outros dois elementos importantes na dimensão social do culto são o Kyrie Eleison e a Oração de Intercessão. No primeiro elemento a comunidade se une através de um clamor pela compaixão de Deus¹⁷² pelo mundo ao seu redor e pelas situações de sofrimento e o testemunho que a comunidade lhe deve. Na oração de intercessão a comunidade intercede essencialmente: pela Igreja, suas lideranças e pela tarefa de anunciar o evangelho; pelo mundo e as autoridades; pelas pessoas que sofrem com qualquer tipo de privação ou necessidade como, por exemplo, doença, luto, pobreza, guerra, violência, calamidade, etc.¹⁷³

Igreja é o espaço onde muitas e diferentes pessoas participam. Nem todas as pessoas integram os mesmos grupos, no entanto o culto é a centralidade da vida comunitária, é onde têm mais pessoas reunidas. Para preparar e celebrar o culto, como espaço espiritual e social, algumas questões precisam ser lembradas: a acolhida, a comunicação, a acessibilidade, a sensibilidade e a empatia com as diferentes situações que as pessoas vivem. A pastora Iára Müller, como pessoa com deficiência, escreve que ela muitas vezes sentiu-se excluída devido à falta de conhecimento e sensibilidade das pessoas,¹⁷⁴ de mobilização para tornar a igreja um lugar acessível e que ainda se ouve um lamento de piedade quando uma pessoa com deficiência entra na igreja ou mesmo quando uma pessoa idosa não consegue ler o que está escrito. A partir da compreensão de culto até aqui abordado, pode-se concluir que essa ideia de piedade sem ação para transformar a comunidade num lugar acolhedor e inclusivo para todas as pessoas não combina com o evangelho de Cristo.

Dessa forma pode-se perceber que o culto possui funções sociais e não se limita a simplesmente uma reunião de pessoas cristãs. Os elementos litúrgicos do culto lembram também a comunidade de sua função no mundo. De acordo com

¹⁷⁰ KIRST, Nelson. **A Liturgia Toda:** parte por parte. v. 2. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003a. p. 71. Veja também: GEORG, 2003, p. 121-123.

¹⁷¹ GEORG, 2003, p. 123.

¹⁷² KIRST, 2003, p. 33. Especialmente: KIRST, 2003a, p. 18.

¹⁷³ KIRST, 2003a, p. 27.

¹⁷⁴ MÜLLER, Iára. **Encarando a Deficiência.** São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 19-20.

Beling, podemos considerar ainda outras funções sociais do culto cristão: “confissão de culpa, perdão de pecados, [...], glorificação, agradecimento a Deus, comunicação da Palavra de libertação, confissão de fé, [...], bênção de Deus e envio”¹⁷⁵. A bênção de Deus é caracterizada pela proteção e cuidado e o envio é a designação à comunidade para sair e anunciar o evangelho. Abençoados, agora partem para o mundo para servir, ou ainda, necessitam da bênção de Deus porque agora seguem para o mundo.¹⁷⁶ Com o envio, as pessoas buscam colocar em prática dentro e fora da comunidade o amor que recebem de Deus. Beling, assim fundamenta:

Nossa tarefa e nosso trabalho como cristãs e cristãos não pode ser realizada em nenhum outro lugar que não seja o mundo, vamos ao culto para sermos preenchidos com o Espírito de Deus, acalantar nosso coração, receber instrução e celebrar o amor de Deus doado por nós na cruz. E tudo o que Deus fez por todos nós, não pode apenas ficar preso dentro de “quatro paredes”, ou seja, limitado à igreja, mas deve se expandir para todo o mundo. E não somente para dentro da nossa comunidade de fé, na qual somos membros [...].¹⁷⁷

4.3.4 *Visitação e Hospitalidade: a diaconia do acolhimento*

Se o culto cristão conduz as pessoas à ação ética, buscando ser uma igreja comprometida com o evangelho e a vida digna, o contexto urbano a desafia na tarefa da diaconia do acolhimento através das ações de visitação e hospitalidade. Jerônimo Gasques escreveu um excelente livro sobre esse tema e contribui para nossa reflexão. Ele inicia dizendo que a razão de existência de toda criatura é servir e faz uma constatação:

Somos tão acostumados a sermos mal recebidos que nem nos damos conta desse ‘desastre’ em nossa vida comunitária. É o caso de pensarmos nas salas de aulas, na disputa em ambiente de trabalho, na desconsideração à raça, no campo de futebol, na visita desconhecida que bate à nossa porta, nos hospitais, nas casas religiosas, nas igrejas... Contudo, em cada pessoa há o desejo de morar num lugar hospitaleiro onde seja possível viver sem medo e onde se possa fazer comunidade.[...]¹⁷⁸

¹⁷⁵ BELING, Éder. A Função Social do Espaço de Culto na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: tensões e con-tradições. **Tear online**: liturgia em revista, São Leopoldo, v.3, n. 2, p. 4-15, 2014. p. 10. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/2344/2264>. Acesso em: 07 set. 2018.

¹⁷⁶ BELING, 2014, p. 8.

¹⁷⁷ BELING, 2014, p. 8.

¹⁷⁸ GASQUES, Jerônimo. **Diaconia do Acolhimento**: Desafio à liturgia e à pastoral na cidade. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1996. p. 19.

De alguma forma todas as pessoas na comunidade servem, mas precisam ser incentivadas e capacitadas. A diaconia do acolhimento, praticada através da visitação e hospitalidade, perpassa todo o trabalho de uma comunidade. Segundo o autor, todos os grupos e departamentos precisam refletir sobre como estão acolhendo e indo ao encontro das pessoas, inclusive a tesouraria e a secretaria.¹⁷⁹ É necessário perguntar-se: por que as pessoas se afastam da comunidade? Quais são suas preocupações? Como acolhemos as pessoas? Buscamos cultivar a confiança? Para o autor, “trazemos à lembrança os lugares onde nos sentimos melhor... É uma espécie de saudade. O povo tem saudade de Deus e, especialmente, quando é bem acolhido”.¹⁸⁰ Não fazemos visitas para “encher” a igreja, mas para dizer à pessoa visitada, mesmo que entrelinhas, que é única e importante na vida da igreja. Ela precisa sentir-se como aquela ovelhinha que Jesus foi buscar. As pessoas têm vários motivos para não virem mais aos grupos e aos cultos, mas não basta supor os motivos, é preciso ter pessoas capacitadas que possam cultivar a confiança e exercer a diaconia do acolhimento como vocação. E para isso, Gasques elenca as qualidades e aptidões desse servo ou serva: a) seja servo ou serva convicta; b) perceba-se como instrumento do Espírito Santo e viva a fé em comunidade; c) pratique a oração; d) compromisso com a igreja local; e) obediência a Cristo; f) sejam dinâmicas e criativas. Afinal a missão não se caracteriza apenas pelo o que é feito e, sim, como é feita.¹⁸¹

Biblicamente aprende-se que, primeiramente, Deus visita seu povo. Assim pode ser constatado no Antigo Testamento quando Deus visita Abraão e Sara (Gênesis 18.1ss) e quando visita seu povo no Egito (Gênesis 12.12). Em Jesus Cristo podemos afirmar que Deus visita concretamente seu povo, pois vem como pessoa sentir e viver com seu povo para libertá-lo. O próprio Jesus, em seu ministério, praticou a hospitalidade e a visitação. Relatos como Lucas 10. 38-42, Lucas 5. 29, Mateus 8.14-15 retratam a diaconia do acolhimento de Jesus.¹⁸² Gasques aprofunda ainda outros textos dos evangelhos a respeito do tema. A partir da parábola da ovelha perdida (Lucas 15. 1-7) Jesus faz o contraste entre as 99 ovelhas que estão no curral e aquela uma que se perdeu, que pode estar

¹⁷⁹ GASQUES, 1996, p. 23 e 50ss.

¹⁸⁰ GASQUES, 1996, p. 21.

¹⁸¹ GASQUES, 1996, p. 27-28.

¹⁸² IECLB. **Manual para Presbíteros e Presbíteras**: Visitação. v. 9. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 01.

machucada, desanimada. O autor afirma que a ênfase se dá no termo *único* para mostrar que cada pessoa é importante para Jesus. Assim, acolher também é buscar. Na cura da sogra de Pedro (Marcos 1. 29-34) o autor analisa que aquela mulher idosa, viúva e sem muitos recursos, poderia, muito bem, estar desanimada e sentindo-se inútil. O que se vê atualmente são pessoas doentes emocionalmente. Jesus *segurou a sua mão* e ela passa a servir. Muitas pessoas estão caídas e desanimadas em sua dignidade, porque, muitas vezes, não há quem acredite em sua potencialidade. Já na história de Zaqueu (Lucas 19. 1-10), é relatado sobre um homem de posição privilegiada da sociedade, cobrador de impostos e que, por isso, era visto como impuro. Jesus lhe chama a assumir sua história e sua fé: *desça depressa, pois hoje preciso ficar na sua casa* (v. 5b) e o que Zaqueu faz é reconhecer sua culpa por ter ficado rico à custa dos outros e compromete-se a devolver o que foi roubado. Um excelente exemplo para autoridades políticas que roubam dos cofres públicos, para os que praticam pequenas corrupções e roubos todos os dias, para os que usam a religião para ficarem ricos e, igualmente, para quem vive uma falsa espiritualidade, porque é muito mais fácil olhar de cima para baixo, falar e não fazer nada, fugir e não encarar sua realidade.¹⁸³

A diaconia do acolhimento de Jesus segue nas duas direções: ir e vir. Em Mateus 11.28 afirma: “Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso”. E em Mateus 28.19 afirma: “Portanto, vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Sem uma boa acolhida, como as pessoas vão aliviar suas pesadas cargas? Demoram em vir à igreja e quando vêm ouvem uma piada, a comunicação foi horrível, a equipe de recepção foi invasiva, o grupo não ouviu. Sidnei Noé escreve ao analisar os versículos citados:

Este é o lado que talvez esteja mais negligenciado em muitas comunidades e paróquias da IECLB. As comunidades delegam ao (à) obreiro (a) esta função. Este (a), por sua vez, não tem tempo para assumir mais este trabalho. O resultado é que temos uma comunidade que só chama *vinde* a mim e ignora o compromisso *ide*. Esse chamado, no entanto, só alcança algumas pessoas que estão mais próximas. Até as ‘pontas’ da congregação este chamado não chega. Nas ‘pontas’ da congregação muitas vezes estão as pessoas que moram distantes geograficamente, mas também aquelas pessoas em situações de crise e que por doença, deficiência, idade

¹⁸³ GASQUES, 1996, p. 39-42.

avançada ou até mesmo receio ou vergonha não conseguem ir até a igreja.¹⁸⁴

Baseando-se em 1 Pedro 2.9, Noé registra que o próprio Martim Lutero ressaltava a importância de cada pessoa viver o seu sacerdócio recebido no batismo. Dessa forma, toda pessoa poderá encontrar uma forma de colocar seus dons a serviço de Cristo e do próximo.¹⁸⁵ A incumbência que a Igreja de Cristo recebe para evangelizar (Mateus 28.19), acontece de muitas formas e as comunidades cristãs primitivas souberam fazer isso muito bem.¹⁸⁶ Essa tarefa acontece o tempo todo, em palavras e em ações. Às vezes mais em ações do que em palavras, segundo Francisco de Assis.¹⁸⁷ Gasques afirma que “não se acolhe - simplesmente – para evangelizar. Acolhe-se bem quando se está evangelizando”.¹⁸⁸

Nem sempre é possível agendar ou realizar visitas nos horários que as pessoas podem, especialmente quando essas estão empregadas. Grande maioria trabalha em turno integral. Surge, então, uma possibilidade de fazer aconselhamento por telefone. Uma prática cada vez mais comum nas cidades e sendo instrumento de aconselhamento pastoral organizado por algumas igrejas. Poderíamos perguntar quem, que atua em comunidades eclesiais, nunca precisou fazer um aconselhamento por telefone. Pessoas querem falar, desabafar, tirar dúvidas. Renilda Krause mostrou em sua pesquisa que os assuntos abordados no aconselhamento pastoral por telefone abrangem: vida familiar, questões psicológicas, drogas, vida conjugal, questões profissionais, educacionais, sociais, morais, vocacionais, sexuais, espirituais, econômicas, éticas, médicas, além de suicídio, juventude e sobre outras informações.¹⁸⁹

Recentemente, o Ministério da Saúde fez parceria com a Central de Valorização da Vida (CVV) e lançou o *Disque 188* como central para a prevenção ao suicídio. Em torno de 30 pessoas cometem suicídio todos os dias no país.

¹⁸⁴ NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva: Manual de educação à distância**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 12.

¹⁸⁵ NOÉ, 2003, p. 12-13.

¹⁸⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Como Acompanhar Doentes**. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 60.

¹⁸⁷ NOSSA SAGRADA FAMÍLIA. **15 Pensamentos de São Francisco de Assis**. Disponível em: <https://www.nossasagradafamilia.com.br/conteudo/15-pensamentos-de-sao-francisco-de-assis.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

¹⁸⁸ GASQUES, 1996, p. 32.

¹⁸⁹ KRAUSE, Renilda. **Aconselhamento Pastoral por meio do Telefone: uma possibilidade para a igreja no contexto urbano**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008. p. 110.

Depressão, utilização de substâncias psicoativas, relacionamentos conflituosos, entre outros, são as principais causas.¹⁹⁰ Um alerta para que cultivemos nas igrejas o cuidado mútuo. Nos últimos anos a tecnologia tem avançado e possibilitado a criação de aplicativos de ajuda para celulares e utilizados para diversas situações de ajuda.¹⁹¹

4.4 Considerações Finais

A IECLB desde o ano 2008 reflete e incentiva as comunidades a fazerem o planejamento missionário e compreende que a diaconia, junto com a evangelização, comunhão e liturgia é uma de suas dimensões.¹⁹² A diaconia é reconhecida pela igreja como o agir restaurador e curador da comunidade onde todas as pessoas servem, afinal “o nosso servir e todas as nossas ações são frutos do amor de Deus em nós”.¹⁹³ Como eixos transversais a IECLB define a educação cristã, a sustentabilidade e a comunicação, compreendendo que a missão da igreja é o ensino contínuo da fé cristã que necessita de comunicação acessível e qualificada bem como amparada em comunidades sustentáveis.¹⁹⁴

Após a pesquisa e estudo deste terceiro e último capítulo, percebe-se a urgência de olhar atentamente a igreja na cidade e seu contexto. Os desafios são muitos, mas, igualmente, há grandes oportunidades para anunciar o evangelho. Cada contexto vai revelar seus dissabores e sabores e diante de cada situação o imperativo é ser sal e luz, oferecer o doce gosto da fé para tantas vidas amarguradas. A diaconia é uma ferramenta de suma importância para apresentar à sociedade uma igreja acolhedora e interessada numa comunhão de cuidado. A diaconia lembra a comunidade de envolver-se com questões que afligem as pessoas

¹⁹⁰ FARIA, Isabela. **Ligação para prevenção ao suicídio se torna gratuita em todo o país.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/ligacao-para-prevencao-ao-suicidio-se-torna-gratuita-em-todo-o-pais.shtml>. Acesso em: 08 set. 2018.

¹⁹¹ REDAÇÃO GALILEU. **Saúde mental: 5 aplicativos para cuidar da psique.** Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/saude-mental-5-aplicativos-para-cuidar-da-psique.html>. Acesso em: 12 out. 2018. SANTIAGO, Luana. **Conheça oito aplicativos que ajudam no combate à violência contra a mulher.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saber-viver/conheca-oito-aplicativos-que-ajudam-no-combate-violencia-contra-mulher-23162614>. Acesso em: 15 fev. 2019.

¹⁹² IECLB; SEVERO PINTO, Homero (Org.). **Missão de Deus – Nossa Paixão:** Plano de Ação Missionária da IECLB – Linhas mestras. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 11.

¹⁹³ IECLB; SEVERO PINTO, Homero (Org.). **Missão de Deus – Nossa Paixão:** texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 46.

¹⁹⁴ SEVERO PINTO, 2008, p. 12.

e causam sofrimento, sendo que o próprio culto é diaconal. A diaconia ou a práxis social das pessoas que creem remete ao cumprimento do segundo maior mandamento: do amor ao próximo.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa investigou a importância e efetivação da práxis social da Igreja e sua relação com a edificação de comunidade em contexto urbano. Percebeu-se ao longo da pesquisa que a história guarda e retrata exemplos de persistência na prática do evangelho. Exemplos estes que ainda são praticados e podem ser multiplicados. Amparada bíblica e confessionalmente, a práxis social da Igreja tem suas motivações na fé cristã que, por sua vez, é confrontada e comovida pela realidade humana. Percebeu-se que a Igreja tem um potencial enorme para chamar e preparar pessoas para desenvolverem ações com vistas à transformação de contextos, pois é chamada para ser acolhedora e protagonista na defesa da vida dentro dessa realidade com largas aberrações e contradições.

Buscou-se descrever a práxis social e a edificação de comunidade em contexto urbano a partir da experiência da Comunidade Evangélica de Joinville – União Paroquial. É surpreendente todo trabalho desenvolvido, a quantidade de voluntárias e voluntários envolvidos, as doações obtidas pelos membros das paróquias e pelas parcerias, o público beneficiado, a vivência do ecumenismo no serviço diaconal, a formação contínua e o envolvimento nas políticas sociais e instituições de saúde e escolar. A diaconia da CEJ-UP poderia ser experimentada por mais comunidades ou uniões paroquiais da IECLB. Serve de exemplo, mas não pode cair no comodismo, na descontextualização de suas práticas nem perder as motivações, razões e objetivos.

O contexto social é complexo e possui necessidades que vão além de ter o alimento de sobrevivência. Dessa forma, o segundo capítulo, procurou fontes bíblicas e históricas do cristianismo na efetivação da responsabilidade social. A Igreja Primitiva de Jerusalém era uma comunidade em contexto urbano, onde pessoas diferentes e com necessidades diferentes encontravam acolhida e esperança de vida. Tão logo perceberam que o *servir às mesas* (Lc 17.8), como era compreendida a diaconia, deveria ser ampliado devido às inúmeras necessidades que se apresentavam. Com a perseguição à fé cristã a igreja de Jerusalém foi fragilizada, mas seus membros espalharam-se e levaram esse modelo de igreja a outros lugares como Antioquia e Éfeso. As mães e os pais da Igreja, pessoas que se destacaram no testemunho do evangelho e até viraram mártires, pregaram uma fé que tivesse sentido na vida das pessoas. Motivaram pessoas a repartir o que tinham

e a olhar com respeito o próximo. Fascinante foi ler algumas dessas pregações que desafia a igreja nos tempos atuais. Neste mesmo capítulo, buscou-se elencar algumas das práticas diaconais do início do cristianismo; algumas delas existem até os dias de hoje e instigam as comunidades perceberem-nas como sendo atitudes diaconais, como o caso das ofertas, o apoio em tempos de calamidades, o sepultamento cristão e serviço carcerário. Assim, percebeu-se que, desde os primórdios, a igreja cristã teve um papel relevante na sociedade.

No terceiro capítulo analisou-se o contexto urbano e o desafio de edificar comunidade. Os dados biográficos apontam para um crescimento urbano cada vez maior e com ela as inúmeras demandas, advindas do consumismo desenfreado e do avanço tecnológico, causando disparidades sociais. Requer-se uma igreja acolhedora e cuidadora, promotora do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, proativa nas esferas político-sociais, missionária e construtora de pontes na reconciliação da pessoa com Deus e com toda a criação. A comunidade não está isenta do seu papel social e vocacional, a saber, de buscar conscientizar cada membro (sujeito) de viver plenamente sua cidadania (vida digna). A fé cristã aponta para além de ações paliativas, mas desenvolvimento de uma “empatia social” - uma consciência social - não seletiva no mandamento do amor ao próximo. Fazer missão na cidade significa oferecer espaços de escuta, de orientação, de percepção dos dons para uma diversidade maior de atividades e grupos. Significa entrar no ritmo da cidade, fazer uso dos recursos que estão à disposição.

Analisou-se que a IECLB percebe as mudanças dos novos tempos e instiga as comunidades a abraçar o Planejamento de Ação Missionário com vistas ao desenvolvimento de comunidades mais atrativas, inclusivas e missionárias. Faz parte da missão da igreja celebrar o amor de Deus e promover o cuidado mútuo entre as pessoas, através da poimênica e do aconselhamento, da visitação e acolhida, da oração e do apoio em tempos de dificuldades. Dito isso, o estudo apontou que para a igreja em contexto urbano é necessário estar em constante formação de lideranças para diferentes funções; que a diaconia é uma grande ferramenta na vivência do ecumenismo, pois diferentes igrejas podem reunir-se em torno de uma causa que necessita de resposta; e, não por último, mas assumir o desafio de testemunhar o evangelho em palavras e ações junto aos contextos mais fragilizados da cidade, concretizando seu chamado de praticar a diaconia e a missão.

Considerando a experiência diaconal e de edificação de comunidade realizada pela Comunidade Evangélica de Joinville e considerando os fundamentos históricos e teológicos estudados, concluo que a diaconia e a edificação de comunidade em contexto urbano devem se pautar, a meu juízo, pelos seguintes princípios: a motivação no Evangelho; apoiar-se nas experiências da Igreja ao longo da história; perceber os desafios e as oportunidades do contexto urbano; ser acolhedora; desenvolver a responsabilidade social na participação das políticas públicas e promover projetos sociais; construir oportunidades de missão junto às instituições de ensino, cuidado e saúde; investir na formação de lideranças comunitárias e compreender que, para ser fiel ao evangelho, a diaconia da comunidade cristã não pode ser seletiva, de modo que encontra o *próximo* no cotidiano nas diferentes esferas sociais e, ao mesmo tempo, edifica para a glorificação de Deus.

REFERÊNCIAS

- ATOS. *In: BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BARRETO, Jonas Mendes. **A Presença Pública da Igreja na Cidade – Análise das Práticas Pastorais da Igreja Metodista em Belo Horizonte (1982-2006) frente aos desafios das transformações socioculturais**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BELING, Éder. A Função Social do Espaço de Culto na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: tensões e con-tradições. **Tear online: liturgia em revista**, São Leopoldo, v.3, n. 2, p. 4-15, 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/2344/2264>. Acesso em: 07 set. 2018.
- BENOIT, André. **A Atualidade dos Pais da Igreja**. São Paulo: ASTE, 1966.
- BEULKE, Gisela. **Diaconia em Situação de Fronteira: Um exemplo chamado Balsas**. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2001.
- BOFF, Clodovis. **Teologia e prática: teologia do político e suas mediações**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial: Um Consenso Mínimo entre os Humanos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **As Parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus**. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **O “Socialismo” da primeira cristandade: Uma Experiência e um Desafio para Hoje**. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- BRIGHENTI, Agenor. Teologia e profecia: a responsabilidade social do teólogo. *In: ABREU, Elza Helena de; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). Sagrada Escritura e teologia: por uma responsabilidade social e comunitária da fé cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CAMARGO, Caroline Cristine Costa. **O Papel Social da Igreja Cristã na Prevenção do uso Indevido de Drogas na Adolescência: da problematização a uma proposta de ação**. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2013.

CAMPOS, Marta Silva. Políticas públicas e exigências éticas. *In*: BAPTISTA, Agostinho N.; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Teologia e sociedade: relações, dimensões e valores éticos**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CASONATTO, Odalberto Domingos. **A origem das primeiras comunidades cristãs nos Atos dos Apóstolos**. Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=7137>. Acesso em: 24 mar. 2018.

CILIATO, Fabio; MOREIRA, Neir. Responsabilidade Social da Igreja Evangélica Contemporânea Segundo o Modelo de Cristo. **Revista Eletrônica Teologia e Espiritualidade da Faculdade Cristã de Curitiba**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 66-77, out. 2014. Disponível em: <https://faculdadecristadecuritiba.com.br/storage/2018/11/Numero-4-Outubro-2014-05.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2018.

COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. v. 1. Petrópolis: Vozes, São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, São Leopoldo: Sinodal, 1988.

COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. v. 2. Petrópolis: Vozes, São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, São Leopoldo: Sinodal, 1989.

COMBLIN, José. Diakonia na cidade. *In*: ANDRADE, Sérgio; VON SINNER, Rudolf (Orgs.). **Diaconia no Contexto Nordestino: desafios – reflexões – práxis**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

COMBLIN, José. **Viver na Cidade: Pistas para pastoral urbana**. São Paulo: Paulus, 1996.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE JOINVILLE; DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Relatório de Atividades Desenvolvidas durante 1972 para Assembleia Geral Ordinária de 28 de março de 1973**. Joinville, p. 1-3, 1973. (Arquivo interno).

DREHER, Martin N. **A Igreja no Império Romano**. v. 1. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

EBELING, Marcos Jair. **A Ação Diaconal como Proposta de Pastoral Urbana**. 2006. Especialização (Monografia de Conclusão de Curso de Especialização em Ética, Cidadania e Subjetividade). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.

FARIA, Isabela. **Ligação para prevenção ao suicídio se torna gratuita em todo o país**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/ligacao-para-prevencao-ao-suicidio-se-torna-gratuita-em-todo-o-pais.shtml>. Acesso em: 08 set. 2018.

FEHLBERG, Maria da Penha Almeida. **Serviço Social: Influências Religiosas, Constituição da Profissão e Desafios Atuais**. 2009. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.

FERRARO, Benedito. A Teologia como produto social e produtora da sociedade: a relevância da teologia. *In*: BAPTISTA, Agostinho N.; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Teologia e sociedade**: relações, dimensões e valores éticos. São Paulo: Paulinas, 2011.

FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Os padres da Igreja e a questão social**: homilias de Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo. Petrópolis: Vozes, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus**: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal, CEBI; São Paulo: Paulus, 2001.

GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia e Cuidado nos Primeiros Séculos do Cristianismo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v 55, n. 2, p. 316-332, 2015.

GALLI FILHO, Victório. **Diaconia**: princípios na vida cristã pessoal e pública. 2016. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2016. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/654/1/filho_vg_tmp447.pdf. Acesso em: 19 jul. 2018.

GARCIA, Maria Fernanda. **Ódio na rede**: pesquisa revela a intolerância dos brasileiros na internet. Disponível em: <http://observatorio3setor.org.br/carrossel/odio-na-rede-pesquisa-revela-a-intolerancia-dos-brasileiros-na-internet/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

GASQUES, Jerônimo. **Diaconia do Acolhimento**: Desafio à liturgia e à pastoral na cidade. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia**: As comunidades cristãs a partir da segunda geração. (Segundo Testamento – A serviço da leitura libertadora da Bíblia). v. 8. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005.

GEORG, Sissi. **Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos**. 1999. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999.

GEORG, Sissi. **Diaconia e Culto Cristão**: resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristãs. 2003. Tese (Doutorado em Teologia). – Programa de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2003.

GEORG, Sissi. Diaconia e culto cristão: uma unidade essencial com consequências para a vida das comunidades cristãs. **Tear**: liturgia em revista, São Leopoldo, n.18 , p. 10-16, nov. 2005.

GIANASTACIO, Vanderlei. **Responsabilidade Social, Serviço e Cidadania à Luz da Igreja Primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GOBBI, Leonardo Delfim. **Urbanização brasileira**. Disponível em: <http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-brasileira.html>. Acesso em: 09 jul. 2018.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Conversando com os Pais e Mães da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HAMMAN, Adalbert. **Os Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1980.

HOCH, Lothar Carlos. **A Diaconia na IECLB: O despertar da Igreja para um ministério esquecido**. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 45, n. 1, p. 21-31, 2005. p.31. Ênfase do autor no texto original.

HOFFMANN, Arzemiro. **A Cidade na Missão de Deus: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus**. Curitiba: Encontro, 2007.

IBGE. **Censo 2010**: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=1766&t=censo-2010-populacao-brasil-190-732-694-pessoas&view=noticia>. Acesso em: 09 jul. 2018.

IECLB. **Diaconia Evangélica: Síntese e proposta** (Um posicionamento do Conselho Diretor da IECLB). São Leopoldo: Centro de Elaboração de Material (CEM), Sinodal, 1988.

IECLB. **Manual para Presbíteros e Presbíteras: Visitação**. v. 9. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

IECLB; SEVERO PINTO, Homero (Org.). **Missão de Deus – Nossa Paixão: Plano de Ação Missionária da IECLB – Linhas mestras**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

IECLB; SEVERO PINTO, Homero (Org.). **Missão de Deus – Nossa Paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012**. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 46.

KIRST, Nelson. **A Liturgia Toda: parte por parte**. v. 2. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003a.

KIRST, Nelson. **Nossa liturgia: das origens até hoje**. v. 1. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

KOOPMAN, Nico. Apontamentos sobre teologia pública. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 22, p. 38-49, 2010. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/29/67>. Acesso em: 19 jul. 2018.

KRAUSE, Renilda. **Aconselhamento Pastoral por meio do Telefone: uma possibilidade para a igreja no contexto urbano**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

KUNERT, Augusto E. Aspectos da relação IECLB e Estado em uma compreensão histórica e teológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 22, n. 3, p. 215-242,

1982. Disponível em:

http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1319/1270.

Acesso em: 19 jul. 2018.

LENKE, Angela. **Diaconia em Lutero**: A Justificação por Graça e Fé em Lutero. 2005. Trabalho Semestral (Bacharelado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

LESSA, Hércio da Silva, 1998. Apud ROCHA, Calvino Teixeira da.

Responsabilidade Social da Igreja. Londrina: Descoberta, 2003.

LIBANIO, João Batista. **As Lógicas da Cidade**: O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.

LOURENÇO DE HUESCA. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Louren%C3%A7o_de_Huesca. Acesso em: 24 jan. 2018.

MAZZAROLLO, Isidoro. **Atos dos Apóstolos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDES, Benjamin. **A república de Platão**: uma alternativa para a organização social grega em IV A.C.. Disponível em:

http://obviousmag.org/archives/2009/02/a_republica_de_platao_uma_alternativa_para_a_a_organ.html. Acesso em: 14 fev. 2019.

MONTEIRO, Marcos. A cidade de Deus na Cidade do Homem: os desafios de uma pastoral urbana. *In*: ANDRADE, Sérgio Fernando Lomeu de (Coord.).

Espiritualidade, Cidadania e Ética. Recife: Diaconia, Belo Horizonte: Visão Mundial, 2001.

MÜLLER, Iára. **Encarando a Deficiência**. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Comunidade Viva**: Manual de educação à distância. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

NORDSTOKKE, Kjell (Org.). **Diaconia**: fé em ação. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia – uma perspectiva ecumênica e global. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 45, n. 1, p. 5-20, 2005.

NOSSA SAGRADA FAMÍLIA. **15 Pensamentos de São Francisco de Assis**.

Disponível em: <https://www.nossasagradafamilia.com.br/conteudo/15-pensamentos-de-sao-francisco-de-assis.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

OLIVEIRA, Jorge Dietrich de. **Igreja nos lares**: Ensaio sobre a capilaridade da igreja cristã no contexto urbano. *In*: ZWETSCH, Roberto E. (Org.).

Cenários Urbanos: Realidade e Esperança – desafios das cidades às comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014.

OST, Maria Helena. **Fé e Obras em Lutero**: Uma Contribuição para a Fundamentação Teológica da Diaconia. 1999. Semestral (Bacharelado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999.

PADILHA, C. René. Ilustrações de uma igreja serva. *In*: PADILHA, C. René; COUTO, Péricles (Org.). **Igreja: agente de transformação**. Curitiba: Missão Aliança, 2011.

PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. A Ação Voluntária e Identidade – O caso das mulheres luteranas. *In*: SILVA, Jaqueline Oliveira, *et al.*. SILVA, Jacqueline Oliveira (Org.). **Novo Voluntariado Social** – teoria e ação. Porto Alegre: Dacasa, 2004.

PASTORAL POPULAR LUTERANA. **O Povo Canta**. Cancioneiro II da Pastoral Popular Luterana. Palmitos: PPL, 1994.

PASTORES DA IECLB EM JOINVILLE. 150 anos da Comunidade Evangélica de Joinville. **Revista Especial 150 Anos Luterano**, Joinville, n. 1, ano 1, p. 5-7, dez. 2001.

PASTORES DA IECLB EM JOINVILLE. Colégio Bom Jesus/IELUSC. **Revista Especial 150 Anos Luterano**, Joinville, n. 1, ano 1, p. 37-38, dez. 2001.

PASTORES DA IECLB EM JOINVILLE. Hospital Dona Helena. **Revista Especial 150 Anos Luterano**, Joinville, n. 1, ano 1, p. 39-40, dez. 2001.

PASTORES DA IECLB EM JOINVILLE. Instituição Bethesda. **Revista Especial 150 Anos Luterano**, Joinville, n. 1, ano 1, p. 41-42, dez. 2001.

PEREIRA, Mércia de Lima, ALBUQUERQUE, Lúcia Silva; *et al.* Características de mobilização de Recursos: Um Estudo nas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) do Brasil. **REUNIR: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**, Campina Grande, v. 5, n. 3, p. 112-131, 2015. Disponível em: <http://reunir.revistas.ufcg.edu.br/index.php/uacc/article/view/357/pdf>. Acesso em: 14 fev. 2019.

PORTAL LUTERANOS. **A Confissão de Augsburg**: Com notas e comentários. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/textos/a-confissao-de-augsburgo>. Acesso em: 19 jul. 2018.

REDAÇÃO GALILEU. **Saúde mental**: 5 aplicativos para cuidar da psique. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/saude-mental-5-aplicativos-para-cuidar-da-psique.html>. Acesso em: 12 out. 2018.

RICKEN, Friedo. **O bem-viver em comunidade**: a vida boa segundo Platão e Aristóteles. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 10-11.

ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade Social da Igreja**. Londrina: Descoberta, 2003.

ROLDÁN, Alberto Fernando. O sacerdócio de todos os crentes e a missão integral. *In*: PADILHA, René C., COUTO, Péricles (Org.). **Igreja: agente de transformação**. Trad. Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba: Missão Aliança, 2011.

SANTIAGO, Luana. **Conheça oito aplicativos que ajudam no combate à violência contra a mulher**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saber->

viver/conheca-oito-aplicativos-que-ajudam-no-combate-violencia-contramulher-23162614. Acesso em: 15 fev. 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma nova geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Como Acompanhar Doentes**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

SCORCE, Carol. **Paulo Freire segue como patrono da educação**: Sugestão Legislativa movida pelo Escola Sem Partido foi rejeitada no Senado. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/paulo-freire-segue-como-patrono-da-educacao-brasileira/>. Acesso em: 13 jul. 2018.

SERVIÇO DE PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO DA IECLB. **1ª Consulta de Diaconia e Ação Social das Igrejas Luteranas**. Porto Alegre: IECLB, 1967.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e Profecia. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 39, n. 3, p. 207-230, dez. 1999. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/723/658. Acesso em: 19 jul. 2018.

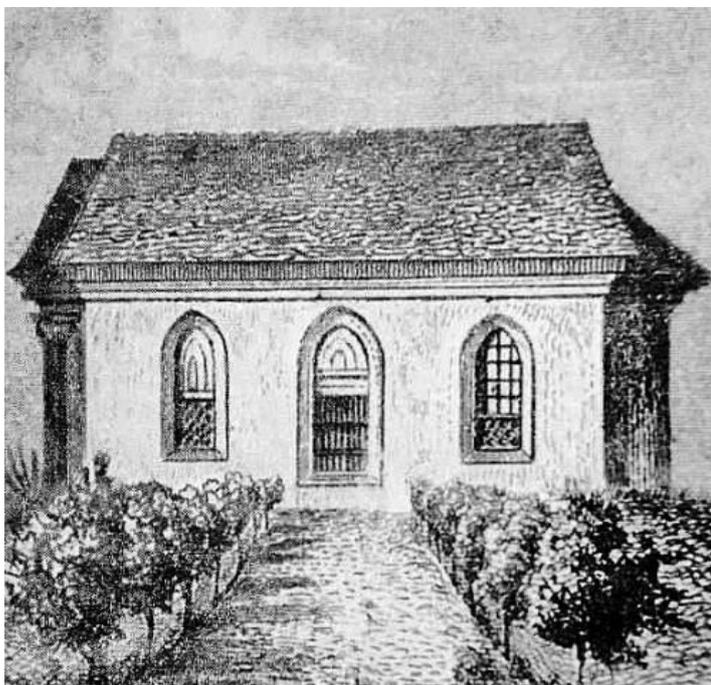
SPAUTZ, Dagmara; GASPERIN, Emerson. **Nazismo em SC**: Investigação apertada cerco a extremistas Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/nos/noticia/2017/12/nazismo-em-sc-investigacao-apertada-cerco-a-extremistas-10057585.html>. Acesso em: 10 jul. 2018.

STUMM, John R. Algumas teses sobre os Dois Reinos. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 23, n. 3, p. 249-264, 1983. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1302/1254. Acesso em: 19 jul. 2018.

TILLICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

WÜSTNER, Friedrich. **Kirchengemeinde Joinville 1851-1951**. Evangelisches Bekennen in Schwachheit und Kraft. São Leopoldo: Rotermund, 1951.

**ANEXO 01 – CASA PROTESTANTE DE ORAÇÃO – PRIMEIRA CAPELA
EVANGÉLICO-LUTERANA DE JOINVILLE**



ANEXO 02 – ESTRUTURA DO DEPARTAMENTO DE DIACONIA

